



atos

do conselho geral

ano LXX — abril-junho, 1989

n. 329

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 329

ano LXX

abril-junho

1989

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. Pe. Egídio VIGANÓ São João Bosco: "Iuventutis pater et magister" 3
	1.2. Carta "Centesimo Exeunte" de João Paulo II 17
	1.3. Alocução do Santo Padre na audiência concedida ao R.M. e ao seu Conselho 19
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. Pe. Sérgio CUEVAS LEON ... 2 Salesianos: Comunicação e Edu- cação 22
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	Não há neste número
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor 34
	4.2. Crônica do Conselho geral ... 35
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Carta do Reitor-Mor ao Santo Padre na conclusão das cele- brações centenárias 37
	5.2. Primeiro congresso internacio- nal de estudos sobre São João Bosco 38
	5.3. Simpósio da Família Salesiana sobre Dom Bosco Fundador — Relação do Reitor-Mor 38
	5.4. Aprovação oficial da pertença à F.S. das Ex-alunas de Maria Auxiliadora 64

5.5.	Pertença à F.S. das "Irmãs de Jesus Adolescente"	66
5.6.	Pertença à F.S. da Associação "Damas Salesianas"	68
5.7.	Textos litúrgicos da memória da Bem-aventurada Laura Vicuña	71
5.8.	Instituto de Ciências da Comunicação Social na UPS	74
5.9.	Nomeação do Pe. Egídio Viganó a membro da Congregação para a Evangelização dos Povos	74
5.10.	Novos Inspetores	75
5.11.	Solidariedade Fraterna	76
5.12.	Estatísticas do Pessoal Salesiano	78
5.13.	Irmãos Falecidos	80

1.1. CARTA DO REITOR-MOR

SÃO JOÃO BOSCO:

"IUVENTUTIS PATER ET MAGISTER"

A Carta "Centesimo Exeunte". — Um título a ser aprofundado e interiorizado. — O título de "Pai". — O título de "Mestre". — A ligação viva com "a juventude". — Impulso para a "Nova Evangelização". — Ensaio eclesial do Sistema Preventivo.

Roma, 24 de fevereiro de 1989

Queridos Irmãos,

Concluimos as celebrações do primeiro ano centenário da morte do nosso Pai e Fundador Dom Bosco. Chegam notícias do mundo todo dos momentos extraordinários, vividos na animação, na meditação e na perspectiva de generosos compromissos. Descobrimos que a personalidade histórica do nosso Santo é muito grande e interessa a vastos setores da vida cultural e social. Ficamos felizes, não por uma ingênua satisfação de amor próprio corporativo, mas porque contemplamos mais claramente nele as maravilhas do Espírito do Senhor.

Experimentamos uma verdadeira alegria de fé, pois aumentou o apreço pela nossa vocação e a dedicação à nossa missão.

Deus seja louvado!

A carta do papa "Centesimo Exeunte"

Exatamente à conclusão do centenário — 24 de janeiro p.p., festa do nosso Padroeiro São Francisco de Sales e memória da Auxiliadora — o Sumo Pontífice João Paulo II nos fez um magnífico presente, tanto mais apreciável quanto menos previsto: o título oficial de "*Pai e Mestre da juventude*", dado a Dom Bosco. Presente que, enquanto nos enche de alegria, deve levar-nos a uma mais meditada reflexão e a uma mais consciente responsabilidade, não desligada de uma viva gratidão ao Vicário de Cristo.

É um título nascido em si quase espontaneamente, podemos dizer desde sempre, na linguagem familiar das casas salesianas. Prova disso é uma declaração do Card. Cagliero de 1922, durante as celebrações das bodas sacerdotais de diamante do seu antigo

colega Pe. Francésia, ordenado com ele em 1862. Falando de si mesmo e do amigo, disse: “Se conquistamos um lugar de destaque na sociedade, se conseguimos fazer um pouco de bem, (e o bem, posso-vos assegurar, sempre procuramos fazê-lo toda vez que nos foi possível) somos devedores, depois de Deus, a uma só pessoa: não ao nosso pai, que ambos perdemos quando crianças, não às nossas mães, piedosas e santas, incapazes porém de nos ajudar, mas a Dom Bosco, que chamamos de *pai* dos jovens, que continuamos a venerar e a chamar *pai e mestre*, até hoje, e que esperamos poder venerar como *santo* também sobre a terra, antes de podermos agradecê-lo no Paraíso”¹.

Chamar Dom Bosco “pai e mestre” é, portanto, para nós, uma expressão familiar de admiração e afeto; penso que possa ser aplicado também a outros insígnies educadores e fundadores.

O que a Carta “Centesimo Exeunte” traz de absolutamente novo é o fato que a suprema autoridade da Igreja, em termos oficiais e solenes, tenha declarado Dom Bosco não um genérico pai e mestre dos jovens, mas o “Pai e Mestre da Juventude” por excelência em nível de Igreja universal: isto é, estendido à compreensão dos jovens de todos os continentes, hoje e amanhã. De fato, o Sucessor de Pedro declarou e proclamou, *em virtude do poder apostólico*, São João Bosco “Pai e Mestre da Juventude”, estabelecendo que “com esse título Ele seja honrado e invocado em toda a Igreja, não só pelos membros da grande Família Salesiana, mas por todos aqueles que se interessam pela causa dos jovens, e buscam promover a sua educação para contribuir na edificação de uma nova humanidade”².

Esta clara indicação abraça, obviamente, as várias dimensões da sua rica personalidade e da sua peculiar missão, mas exalta sobretudo a sua santidade pedagógica e a genialidade metodológica, qual “monumento basilar — nas palavras do Papa — da história da Igreja”. De fato, Dom Bosco “deixou — é sempre o Papa quem fala — uma concepção, um ensinamento, um método que é já um patrimônio adquirido”. Ele “nos convida não tanto a nos dedicar de qualquer maneira aos jovens, mas ‘a educar com um projeto’”. Ou seja, com o seu sistema completo, que “sem nada tirar da contribuição enriquecedora e específica de

¹ E. Ceria, *Annali della Società Salesiana*, IV, p. 106, SEI, Torino 1951.

² Discurso ao Conselho geral SDB, 4 de fevereiro de 1989, no “*Osservatore Romano*” 5-2-1989.

outros educadores passados ou do seu tempo, permanece um ponto básico por ter conseguido unificar em uma síntese os complexos elementos destinados a promover o desenvolvimento completo do garoto e do jovem”³.

Um título a ser aprofundado e interiorizado

Será portanto necessário, antes de tudo, que na Congregação nos dediquemos em aprofundar o significado deste título tão característico.

Os nossos centros de cultura e os nossos estudiosos poderão continuar um trabalho já seriamente iniciado nas melhores obras de alguns deles e, ultimamente, com iniciativas qualificadas quais: o Seminário sobre “A experiência pedagógica de Dom Bosco” realizado na Fundação Cini na ilha de S. Jorge de Veneza⁴; o primeiro Congresso internacional de “Estudos sobre São João Bosco” feito na nossa Universidade de Roma⁵; e o Simpósio sobre “Dom Bosco Fundador” realizado na Casa geral na ‘via della Pisana’⁶.

Foram alguns momentos fortes de reflexão, não em relação direta a este título (na época ainda não proclamado), mas aos seus conteúdos substanciais e às estimulantes perspectivas que dele derivam. Todos os irmãos são chamados a se confrontar e a se medir cotidianamente com os conteúdos do título, olhando Dom Bosco como modelo supremo de paternidade salesiana e de pedagogia salesiana.

Se é verdade que a própria formulação do título era já presente na liturgia própria da festa de Dom Bosco e no uso de algumas orações com as quais nos dirigimos a ele, agora porém, que a feliz expressão é declarada título eclesial a ser-lhe oficialmente conferido, deveríamos saber explicá-la para comunicar a todos os ricos conteúdos.

Não é próprio de uma circular do Reitor-Mor tentar uma espécie de estudo, também se breve, sobre o assunto, mas sim

³ 3-5 de outubro de 1988.

⁴ 16-20 de janeiro de 1989.

⁵ 22-26 de janeiro de 1989.

⁶ Jo 14,6.

apontar motivações espirituais para interiorizar o significado e senti-lo como estímulo enriquecedor da nossa mentalidade.

Nesse título, de fato, podemos ver condensados, unificados e propostos, como aludia pouco antes, os principais valores da viva herança que nos foi deixada por Dom Bosco:

- o seu estilo de santidade: o amor ativo;
- a sua escolha do campo apostólico: a juventude;
- a sua estratégia de compromisso: o Sistema Preventivo;
- o seu programa de ação: a educação;
- o segredo do seu estilo: a perspicaz intuição do coração juvenil.

Aqui convido-os simplesmente a meditar alguns conteúdos do título, referindo-os claramente ao mistério de Deus, uno e trino: ao amor do Pai rico em misericórdia; à solidariedade do Filho que se fez por nós “caminho, verdade e vida”⁷; à criatividade do Espírito Santo que é dom de juventude transformante para o mundo através dos séculos.

Não deve parecer uma indicação leviana: a SS. Trindade é o verdadeiro, o supremo e central mistério da nossa fé, e tal deve sê-lo na vida e na nossa reflexão. Como escreveu um teólogo oriental, “o Santo é uma ícone de Deus trinitário”. Dom Bosco foi um santo marcado por este mistério de Deus. A peculiar santidade do seu “*da mihi animas*” reflete essencialmente as riquezas pastorais e pedagógicas da caridade trinitária, merecendo-lhe uma denominação tão nobre e tão singularmente distintiva.

O título de “Pai”

Dom Bosco foi entre os jovens um profeta da bondade; com razão o Papa o chamou várias vezes “gênio do coração”. A bondade é uma atitude constante da pessoa; se traduz cotidianamente em uma contemplação das contínuas manifestações do amor de Deus e uma conseguinte metodologia de amabilidade que distingue todas as atividades apostólicas.

Nessa íntima atitude está também inserido o seu papel eclesial de Fundador enquanto pai fecundo que deixa em herança um

⁷ Cf. Ef 3,15.

patrimônio evangélico a tantos filhos e filhas que prolongam a sua missão entre os jovens.

O apóstolo Paulo nos assegura que toda paternidade nos céus e sobre a terra recebe o nome do Princípio primeiro de todo amor⁸. Isto significa não só que toda Família que olha para o seu Fundador encontra nele a paternidade de Deus, mas também que ele testemunha e transmite a realidade viva dos sentimentos interiores e das expressões de afeto divinos.

Deus Pai, que é criador onipotente, manifesta a sua divindade sobretudo na insondável riqueza da misericórdia: “tanto amou o mundo até entregar o seu único Filho”⁹.

Dom Bosco testemunhou exatamente o mistério desta paternidade misericordiosa entregando-se totalmente aos jovens: “eu por vós estudo, por vós trabalho, por vós vivo, por vós estou também disposto a dar a vida”¹⁰.

E esta doação total de si, Dom Bosco a manifestou em uma constante e familiar atitude de amabilidade: ele ensinou não só a amar, mas também — e de maneira cotidiana e sincera — a “fazer-se amar”. O aspecto ascético da sua santidade lhe fez privilegiar aquelas virtudes sociais que atraem a confiança, que abrem os corações à convivência familiar, que levam a dialogar e a compreender, que se traduzem naquela modalidade de relações que — como escreve o apóstolo — é “paciente e benigna, não é invejosa nem se vangloria ou se enche de orgulho, é respeitosa e não procura o próprio interesse, não é colérica e esquece as ofensas, não se alegra com a injustiça porque a verdade é o seu júbilo, tudo suporta e nunca perde a esperança”¹¹. A ação apostólica de Dom Bosco, de fato “apoia-se toda sobre as palavras de São Paulo” que proclama o mistério da caridade¹².

Deve-se acrescentar, com uma profundidade ainda maior, que para Dom Bosco a palavra “pai” não significa só “bom e amável como um pai”, nem só “*pai-fundador*” de uma Família espiritual, mas indica, mais vitalmente o *ato apostólico de gerar a nova vida*, a consciência evangélica e a prática de uma res-

⁸ Jo 3,16.

⁹ Cronaca dell oratorio, D. Ruffino, ASC 110.

¹⁰ 1Cor 13,4-7.

¹¹ Cf. G. Bosco, *Scritti pedagogici e spirituali*, LAS Roma 1987, p. 194.

¹² 1Cor 4,15.

ponsabilidade que cuida, educa e faz crescer os jovens até à maturidade cristã da filiação adotiva. Ele é “pai da juventude” porque escutou o chamado de Deus a “ser pai de verdade” de tantos jovens necessitados e a gerá-los na graça de “filhos de Deus”, no sentido profundo do apóstolo Paulo: “poderão ter de fato até dez mil mestres na fé, mas não muitos mais. Pois bem, eu me tornei pai de vocês na fé em Jesus Cristo, quando lhes anunciei a sua palavra”¹³; “meus filhos, por vocês eu sofro novamente as dores do parto, até que for claro que Cristo está no meio de vocês”¹⁴.

Este rápido aceno à paternidade de Dom Bosco, manifestada na sua “pedagogia do amor” e na “amabilidade”, é uma brevíssima indicação — também se sugestiva — de um tema que é verdadeiramente central em nosso espírito salesiano. Disse-o com autoridade o seu terceiro sucessor, Pe. Filipe Rinaldi: “toda a vida de Dom Bosco é um tratado completo da paternidade que vem do Pai celeste (Ef 3,15) e que ele praticou aqui em máximo grau, quase único, em favor da juventude e para com todos, nas mil contingências da vida, para alívio de todas as misérias temporais e espirituais, com total dedicação e sacrifício de si, na grandeza do seu coração, incomensurável como a areia do mar, tornando-se tudo para todos para ganhar as almas juvenis e levá-las a nosso Senhor”¹⁵.

Podemos acrescentar que o momento principal do qual procedia cotidianamente a fecundidade da sua paternidade espiritual era o exercício do seu ministério sacerdotal no sacramento da Penitência.

É urgente portanto recuperar e aprofundar o sentido desta paternidade tipicamente “oratoriana” nos múltiplos fatos humanos e divinos que a compõem. É uma tarefa a que não pode fugir todo discípulo de Dom Bosco. Porque, se é verdade que especialmente Inspetores e Diretores devem encarnar esta paternidade segundo modalidades próprias e qualificadas¹⁶, também os outros — sacerdotes, coadjutores, clérigos —, enquanto educadores dos jovens desejosos de serem amados e acompanhados nas diferentes fases do seu desenvolvimento, devem saber se

¹³ Gl 4,19; cf. também 1Ts 2,11.

¹⁴ *Atti del Capitolo Superiore*, 24-4-1933, p. 939ss.

¹⁵ Cf. os respectivos *Manuais*.

¹⁶ Testemunho de um noviço do tempo.

comportar — cada qual em sua tarefa — como verdadeiros pais: responsáveis, pacientes, generosos, animadores.

O Pe. Rinaldi, ao término dos Exercícios Espirituais dos noviços em Villa Moglia — no ano de 1930 — não excitava em afirmar (aos noviços!): “também vocês são pais dos jovens que lhes serão confiados, devem amá-los, ajudá-los como faria um verdadeiro pai”¹⁷.

O título de “Mestre”

A palavra “mestre” está estritamente ligada com aquela de “pai”. Também aqui, não é suficiente dizer que Dom Bosco é um educador genial que ensina um método eficaz de formação: não é só o competente indicador de uma boa metodologia.

Ele é “mestre” antes de tudo porque entre as suas tarefas paternas privilegiou aquela de tornar conhecido o verdadeiro sentido da vida, de comunicar a energia dos valores cristãos, a prática das virtudes batismais, ensinando sobretudo de maneira peculiar adaptada à juventude o caminho genuíno do amor, com uma pedagogia de santidade. É suficiente pensar em que sentido foi mestre espiritual de Domingos Sávio, de Miguel Magone, de Francisco Besucco, dos jovens do seu Oratório. Também neste caso, a lição mais convincente dos seus ensinamentos foi sobretudo o diálogo penetrante da confissão.

Nele as duas características de “pai e mestre” são vividas e aplicadas de maneira inseparável.

A palavra “mestre” refere-se, portanto, àquela sabedoria do coração com que Dom Bosco soube testemunhar e transmitir os critérios básicos e a maneira eficaz para enfrentar as tarefas complexas da educação.

João Paulo II apresentara São João Bosco, na Carta “*Iuvenum Patris*”, como um exímio “Mestre para a educação”, porque soube elaborar uma síntese vital entre prática educativa e sabedoria pastoral, entre promoção humana e evangelização. “Hoje mais do que nunca — disse o Papa — há necessidade de uma metodologia pedagógica que saiba assumir as contribuições das ciências humanas da educação, elevando-as ao nível vivifi-

¹⁷ Discurso citado na nota 2.

cante da caridade pastoral. Existe verdadeira fome de sabedoria pastoral, que não se satisfaz de “decifrar” e de “interpretar” o homem, mas que se compromete eficazmente em transformá-lo à luz daquelas finalidades e com a força daqueles dinamismos, que Deus mesmo colocou no coração da Igreja e da humanidade”¹⁸.

Neste sentido Dom Bosco imita Cristo, “inventor” da pastoral e único supremo Mestre de salvação pascal. Deus Pai enviou o seu Unigênito ao mundo como Verbo de verdade salvífica: “no passado — diz a carta aos Hebreus — Deus falou muitas vezes e de diferentes maneiras aos nossos pais, através dos profetas. Agora no entanto falou-nos através do Filho”¹⁹. Jesus, de fato, “veio ao mundo para dar testemunho da verdade”²⁰; só a sua verdade “nos torna livres”²¹.

Aplicar a Dom Bosco o título de “Mestre” significa reconhecer nele uma particular leitura do acontecimento Cristo e uma capacidade pedagógica de comunicar o Evangelho. Faz isso com uma prática educativa que se movimenta, como disse o Santo Padre, no interior do próprio crescimento humano com critérios metodológicos em sintonia com as interpelações vivas da juventude e das classes populares.

O conceito de “preventividade” que caracteriza o seu método foi descrito na recente Carta “Centesimo Exeunte”, como “centralizado na importância de prevenir nos jovens o surgir de experiências negativas; de educar ‘positivamente’ com válidas propostas e exemplos, fazendo apelo à liberdade interior de que são dotados, de estabelecer com eles relações de autêntica familiaridade, de estimular enfim as capacidades inatas, baseando-se na razão, na religião e na amabilidade”²².

A nossa Congregação divulgou a singular validade aprendida através da peculiar experiência vivida e transmitida pelo Fundador para ser fielmente guardada, inteligentemente aprofundada, constantemente reatualizada e corajosamente desenvolvida no múltiplo devir das culturas. Os seus primeiros discípulos repetiam, dele, aquilo que afirmava do Salvador o Apóstolo predileto:

¹⁸ Hb 1,1-2.

²⁰ Jo 18,37.

²¹ Cf. Jo 8,32.

²² Centesimo Exeunte.

“nós o ouvimos, nós o vimos com os nossos olhos, o contemplamos, o tocamos com as nossas mãos. Somos suas testemunhas e por isso falamos”²³.

“O essencial do seu ensinamento permanece, as peculiaridades do seu espírito, as suas intuições, o seu estilo, o seu carisma não perdem valor, porque inspirados na transcendente pedagogia de Deus. Neste nosso tempo difícil ele continua a ser mestre, propondo uma “nova educação” que ao mesmo tempo é criativa e fiel”²⁴.

A ligação viva com a “Juventude”

A relação das palavras “Pai e Mestre” com “juventude” define explicitamente a escolha da área da caridade pastoral de Dom Bosco: são os jovens, de preferência aqueles necessitados e das classes populares.

Com ele, também os seus filhos e as suas filhas são chamados a serem “sempre e em todos os lugares — como nos disse João Paulo II — *missionários dos jovens*”²⁵.

E a sua escolha da juventude não é só uma determinação dos “destinatários”, mas comporta todo um clima evangélico de vida, uma sensibilidade de futuro, uma preciosa intuição para ler a realidade a partir “dos pequenos e dos pobres”; esta visão torna-se, de fato, uma espécie de injeção quotidiana de juventude e de simpatia (para ele e para os seus educadores) para reinterpretar a sociedade. É suficiente refletir sobre o que afirma a recente Exortação Apostólica “Christifideles laici”: “Nos jovens, efetivamente, a Igreja lê o seu caminho para o futuro que a espera e encontra a imagem e o convite daquela alegre juventude que o Espírito de Cristo constantemente a enriquece”²⁶.

Também na Mensagem do Concílio Vaticano II aos jovens, os Pastores lembravam que trabalhou-se, durante quatro anos, para rejuvenescer o rosto da Igreja com a finalidade de melhor

²³ Cf. 1Jo 1,1-2.

²⁴ *Iuvenum Patris* 13.

²⁵ Discurso citado na nota 2.

²⁶ *Christifideles laici* 46.

corresponder ao plano do Ressuscitado eternamente jovem: a sua Esposa “possui o que faz a força e a beleza dos jovens; a capacidade de se alegrar com aquilo que começa, de se dar sem esperar em troca, de se renovar e de tentar novas conquistas. Olhai-a, e vós encontrareis nela o rosto de Cristo, o verdadeiro herói, humilde e sábio, o profeta da verdade e do amor, o companheiro e o amigo dos jovens” ²⁷.

Esta saudade de juventude nos faz pensar, voltando ao Mistério de Deus, na força renovadora do Espírito Santo, que é, na história, poder de novidade e de santificação. Ele é a alma da Igreja, a fonte inesgotável da sua juventude, o autor daquela especial retomada de poder criativo que transforma o mundo. Por obra do Espírito, de fato, a criação geme e sofre as dores do parto ²⁸.

O Espírito é, portanto, portador de energias inéditas. Leva à realização toda a exaltante comunicação de Deus ao homem, introduzindo na história o que de mais novo a vivifica e a faz chegar à sua meta: “quem semeia no Espírito, do Espírito colherá vida eterna” ²⁹.

Esta vida nova e eterna está presente nos corações de todos os crentes: nos jovens, enriquecendo-os com uma vida de fé que os torna na verdade esperança da Igreja e da Sociedade (vivemos isso com alegria em Turim no “Confronto DB/88”); nos adultos educadores: dotando-os de vigor evangélico, de reta perceptibilidade dos valores da renovação, de simpatia em relação à idade que começa, de viva acolhida das instâncias juvenis, de um amigável acompanhamento em ajudar os jovens a discernir o seu projeto de vida, de partilhada percepção dos valores emergentes da justiça, da não-violência, da paz, da solidariedade, da ecologia.

Toda a Igreja, diz o Papa, está convidada a olhar de maneira especial a si mesma nos jovens; é chamada a reviver o amor de predileção que Cristo testemunhou ao jovem do Evangelho: “Jesus, fixando-o, amou-o” ³⁰.

É este um dos aspectos mais urgentes do Dom do Espírito para todo o Povo de Deus e, de modo particular, para nós.

²⁷ 8 de dezembro de 1965.

²⁸ Cf. **Rm** 8,22.

²⁹ **Gl** 6,8.

³⁰ **Mc** 10,21.

Impulso para a “Nova Evangelização”

Devemos considerar o título também como um forte apelo e um premente estímulo para os atuais compromissos da “nova evangelização”: trata-se de uma hora maravilhosa mas dramática da história.

A preparação ao próximo CG23 mantém-nos a todos ocupados em discernir e projetar o que devemos fazer a respeito. Também o Papa referiu-se com satisfação a este “trabalho e desafio” capitulares que queremos enfrentar para educar os jovens à fé, ligando-o exatamente com a proclamação do título. Trata-se de um tema gerador “que toca profundamente toda a Igreja — nos disse o Papa —. O seu alcance não depende somente de determinadas características da atual condição juvenil, mas deriva de uma situação de cultura emergente numa hora de intensa mudança, ao aproximar-se o terceiro milênio cristão. É uma hora de grande responsabilidade eclesial e de fascinante compromisso no caminho da evangelização”³¹.

A escolha preferencial de Dom Bosco pelos jovens requer coragem de revisão e de criatividade. O “recomeçar a partir dos últimos” — como se diz hoje — oferece um leque de intervenções particularmente iluminadoras. Os Bispos italianos afirmaram que precisamente os últimos “são o sinal dramático da crise atual”³². “Demoliremos, antes de mais nada, os ídolos que nós construímos: dinheiro, poder, consumo, gastos, tendência a viver acima das nossas possibilidades. Redescobriremos depois os valores do bem comum”³³. “O País não crescerá a não ser juntos”³⁴. Esta visão leva em profundidade a um confronto cultural para uma exigente mudança de mentalidade na percepção dos pontos estratégicos de evangelização. Dom Bosco lançou uma pastoral renovadora exatamente porque colocou-se nesta penetrante perspectiva de observação: a partir dos últimos compreende-se melhor os problemas de todos.

³⁰ Mc 10,21.

³¹ Discurso citado na nota 2.

³² *La chiesa italiana e le prospettive del paese*, Documento del Consiglio permanente, 4; em “Enchiridion CEI”, 3, 1980-1983, Ed. Dehoniane, Bolonha.

³³ *Ib.* 6.

³⁴ *Ib.* 8.

Olhou aos jovens, porém, não só porque necessitados e abandonados, não só porque pobres e marginalizados, não só porque últimos e vítimas de estruturas inadequadas, mas também e de maneira intensa — que permeou toda a sua metodologia — porque intuiu e valorizou a riqueza do seu coração, portadores de novos valores na esperança.

Por isso, a convivência com eles levou-o a construir um ambiente de alegria alicerçado sobre convicções de verdadeira possibilidade de êxito. Ele nunca foi um profeta de catástrofes ou um amargo contestador, alimentado de pessimismo e agitador de tristezas. Apresentou-se como discípulo do Senhor na alegria, mensageiro da vitória pascal, confiante nas forças juvenis não cobertas pelas rugas ou pelos cabelos brancos, guia de novas levadas que caminham na busca da verdade salvífica atraídas pelos grandes ideais e animadas por generosas aspirações.

O arcebispo de Turim, Card. Anastácio Ballestrero, na conclusão das celebrações centenárias em Valdoco, disse na homilia do dia 31 de janeiro p.p.: “Temos hoje gerações muito tristes, temos criaturas muito sérias que vivem sempre angustiadas por problemas, por pesadelos, por interrogativos tristes e desalentadores, mas a alegria de Cristo, que São João Bosco tanto proclamou e tanto incentivou, deve encontrar-nos sempre fiéis: é um exemplo que ele nos dá, é um legado que nos deixa, e é também uma esperança que vive em todos nós”.

É este um importante aspecto que entra indispensavelmente na interpretação do seu título de “Pai e Mestre da juventude”.

Lançamento eclesial do sistema preventivo

Se consideramos o que S.S. João Paulo II escreveu e disse durante o ano centenário, desde a Carta “*Iuvenum Patris*” aos discursos e homilias feitas na peregrinação a Turim e arredores, ao documento “*Centesimo Exeunte*” e à alocução feita por ocasião da audiência especial pedida pelo Reitor-Mor com o seu Conselho para manifestar um dever de gratidão, deveríamos concluir que o título contém em uma brevíssima e feliz síntese o título mais autorizado da vocação e missão de Dom Bosco, do seu carisma no Povo de Deus. Podemos dizer que constitui um lançamento eclesial do seu Sistema Preventivo.

O Papa meditou muito sobre Dom Bosco e quis, por Sua iniciativa pessoal e como ponto alto das celebrações, conferir-lhe este título porque ficou “plenamente convencido do fato que ele realizou a sua pessoal santidade através do trabalho educativo, vivido com zelo e coração apostólico, e que a sua vida, a sua espiritualidade, os seus escritos e a sua obra oferecem grandes luzes evangélicas e válidos critérios metodológicos para a formação do Homem novo”³⁵.

Para toda a Igreja, e especialmente para a nossa Família, é um forte incentivo a valorizar sempre melhor os critérios pedagógicos e pastorais de Dom Bosco e a viver e agir de verdade como competentes “missionários dos jovens”.

Para nós Salesianos depois, de maneira toda particular, este título deve representar o *lema ou a palavra de ordem do centenário*, que nos impulse adiante para fazer frutificar os tantos dons recebidos porque queremos enriquecer com imensa atualidade o precioso carisma do Fundador.

Sejamos em todos os lugares sinais e portadores!

Os conteúdos do título devem entrar para formar parte viva do enriquecimento interior das nossas atitudes, das nossas convicções e da nossa criatividade apostólica.

Dediquemo-nos sem demora a intensificar a seriedade dos estudos sobre a nossa missão e sobre o espírito do Fundador, mas ao mesmo tempo e sobretudo cresçamos naquela conatural familiaridade com o Espírito Santo que nos torna testemunhas e comunicadores do extraordinário dom que Deus semeou nele para a juventude.

Será este o compromisso mais frutuoso de renovação: para a nossa interioridade apostólica, para a criatividade na pastoral, para o critério oratoriano de relançamento, para a metodologia da bondade, para uma viva e atual espiritualidade juvenil, para um crescente envolvimento dos fiéis leigos, para um generoso desenvolvimento missionário, para um mais eficaz compromisso em favor das vocações, para uma válida competência na nova evangelização, para poder caminhar melhor com os jovens no difícil processo da santidade.

³⁵ Discurso citado na nota 2.

Dirijamo-nos com confiança ao nosso querido Fundador para que interceda e nos ajude a sermos fiéis, e rezemos:

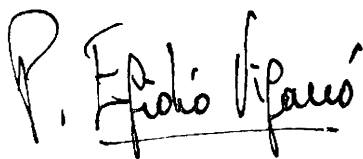
“Ó Pai e Mestre da Juventude,
São João Bosco,
ensina-nos a sermos cada dia
sinais e portadores do amor de Deus aos jovens;
e faze que, guiados por Maria,
percorramos alegremente com eles
o caminho que conduz ao Amor!”

— Antes de concluir, queridos Irmãos, peço-lhes um favor: que cada Casa expresse a mais viva gratidão ao Papa João Paulo II com uma celebração eucarística segundo as Suas intenções. Várias comunidades já tomaram esta iniciativa, mas acredito seja dever que a realizem todas. Dom Bosco interceda eficazmente e sempre em favor do Sucessor de Pedro, que guia nestes anos, difíceis e promissores, a Igreja de Cristo.

Cordiais saudações e votos de bem a todos.

Seu afeioadíssimo no Senhor,

Pe. Egidio Viganó

A handwritten signature in dark ink, reading "P. Egidio Viganó". The signature is written in a cursive, flowing style with a horizontal line underneath the name.

1.2. CARTA "CENTESIMO EXEUNTE" DE JOÃO PAULO II

Tradução portuguesa

Ao dileto Filho

EGÍDIO VIGANÓ

Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco

Está para concluir-se o ano centenário da morte de São João Bosco, Fundador dessa Sociedade, e o meu espírito abre-se a tantas recordações e recebe conforto, reevocando os principais momentos celebrativos que caracterizam esse evento.

Numerosos foram os encontros tidos com os jovens alunos dos Institutos Salesianos, provenientes de todas as partes do mundo; mas sobretudo está viva na minha memória a peregrinação que fiz aos Lugares do vosso Fundador, visitados com o intento pastoral e com sentimentos de gratidão a Deus, por ter dado à Igreja um educador tão insigne. Já no início deste ano jubilar enviei-Te uma Carta, para ressaltar a missão e o carisma peculiar de Dom Bosco e dos seus Filhos espirituais na arte de formar os jovens, e também recomendei a todos aqueles que atuam no meio da juventude, que seguissem com fidelidade os caminhos por Ele traçados, adaptando-os às exigências e características do nosso tempo.

Os problemas da juventude de hoje confirmam, com efeito, a constante atualidade dos princípios do método pedagógico ideado por São João Bosco e centrado na importância de prevenir nos jovens o surgimento de experiências negativas, de educar de maneira positiva com válidas propostas e exemplos, de fazer apelo à liberdade interior de que são dotados, de estabelecer com eles relações de autêntica familiaridade, de estimular as capacidades inatas, baseando-se na razão, na religião e na amabilidade (cf. Carta de 31 de Janeiro de 1988, nn. 8.10-12).

É meu desejo que os frutos deste ano comemorativo perdurem por longo tempo, quer nessa Sociedade Salesiana quer na Igreja universal, que em Dom Bosco reconheceu e reconhece um modelo exemplar de apóstolo dos jovens. Portanto, acolhendo

também o voto de numerosos irmãos no Episcopado, dos Sacerdotes Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, dos seus ex-alunos e de muitos fiéis, em virtude do poder apostólico declaro e proclamo São João Bosco Pai e Mestre da Juventude, estabelecendo que com este título Ele seja honrado e invocado, de maneira especial pelos seus Filhos espirituais.

Ao confiar que esta minha decisão contribua para promover cada vez mais o culto do querido Santo e suscite numerosos imitadores do seu zelo de educador, concedo a Ti e aos teus irmãos de hábito e à inteira Família Salesiana a propiciadora Bênção Apostólica.

Do Vaticano, no dia 24 de Janeiro — memória de São Francisco de Sales — do ano de 1989, décimo primeiro do Nosso Pontificado.

Joannes Paulus PP. II

1.3. ALOCUÇÃO DO SANTO PADRE NA AUDIÊNCIA CONCEDIDA AO REITOR-MOR E AO SEU CONSELHO *

1. Estou particularmente feliz de me encontrar com o Reitor-Mor e o Conselho Geral da Sociedade Salesiana, no final das solenes celebrações do Centenário da morte de São João Bosco. Como escrevi exatamente há alguns dias, por ocasião do encerramento do ano centenário, “a minha alma abre-se a tantas lembranças e recebe conforto, ao recordar os principais momentos celebrativos que o caracterizaram” (Carta *Centesimo Exeunte*, 24 de janeiro de 1989). Como apareceu da multiplicidade dos encontros, especialmente juvenis, das peregrinações aos lugares salesianos, dos convênios de estudo, entre as quais o Congresso internacional de estudos históricos e pedagógicos realizado em Roma, é óbvio que o dinamismo do seu amor continua a produzir frutos em todos os países do mundo. Também eu quis, de diversos modos, sobretudo com a minha peregrinação aos lugares do vosso Fundador, pôr em evidência o peculiar carisma e a missão de um Educador tão insigne, verdadeiro dom de Deus à Igreja. “A sua estrutura de Santo — escrevi na Carta *Iuvenum Patris* de 31 de janeiro de 1988 — coloca-o, com originalidade, entre os grandes Fundadores de Institutos religiosos na Igreja. Sobressai por muitos aspectos: é o iniciador de uma verdadeira escola de nova e atraente espiritualidade apostólica; é o promotor de especial devoção a Maria, Auxiliadora dos Cristãos e Mãe da Igreja; é a testemunha de leal e corajoso sentido eclesial, manifestado através de mediações delicadas nas então difíceis relações entre a Igreja e o Estado; é o apóstolo realista e prático, aberto aos contributos das novas descobertas; é o organizador zeloso das Missões, com sensibilidade verdadeiramente católica; é, por excelência, o exemplar de um amor preferencial pelos jovens, especialmente pelos mais necessitados, para o bem da Igreja e da sociedade; é o mestre de uma eficaz e genial práxis pedagógica, deixada como dom preciso a ser conservado e desenvolvido” (n. 5, AAS 70 [1988], p. 973).

* Ver o *Osservatore Romano*, 26 de Fevereiro de 1989, p. (115) 11.

Plenamente convicto que Dom Bosco realizou a sua santidade pessoal “através do empenho educativo vivido com zelo e coração apostólico” (*ibidem*), e que a sua vida, a sua espiritualidade, os seus escritos e a sua obra oferecem grandes luzes evangélicas e válidos critérios metodológicos para a formação do “Homem novo”, eu quis proclamá-lo *Pai e Mestre da Juventude*, estabelecendo que com esse título Ele seja honrado e invocado na Igreja toda, não só pelos membros da grande Família Salesiana, mas por quantos se interessam pela causa dos jovens, e buscam promover a sua educação a fim de contribuir na edificação de uma nova humanidade (*Centesimo Exeunte*).

Dom Bosco constitui um momento basilar da história da Igreja: deixou de fato uma intuição, uma experiência, um método que são já um patrimônio adquirido; e, como declarava o meu venerado Predecessor Paulo VI, ele foi “um gênio reconhecido pela moderna pedagogia e catequese e, mais ainda, gênio de santidade, daquela santidade, que é nota característica da Igreja, santa e santificadora” (AAS 70 [1978], p. 177).

2. O campo da ação educativa está intimamente unido com a missão salvífica da Igreja, como lugar onde amadurece o crescimento de cada pessoa à luz da Palavra de Deus. Dom Bosco é um “sinal” do amor preferencial pelos jovens, sobretudo pelos mais necessitados.

Na fase atual de grande crescimento das ciências da educação, que estão encontrando também com a contribuição de estudiosos da Família Salesiana o seu específico estatuto epistemológico, Dom Bosco convida-nos não tanto a nos dedicar genericamente aos jovens, mas a “educar com um projeto”. O nosso Santo, que realizou uma síntese vital entre saber pedagógico e práxis educativa, ofereceu-nos um sistema completo que, sem nada tirar à contribuição enriquecedora e específica dos outros educadores passados ou do seu tempo, permanece um tanto firme por ter conseguido unificar em uma síntese os complexos elementos destinados a promover o desenvolvimento completo do garoto e do jovem.

Por fim é urgente estabelecer uma síntese entre evangelização e educação: em Dom Bosco “a preocupação de evangelizar os jovens não se reduz unicamente à catequese, ou apenas à liturgia, ou àqueles atos religiosos que exigem explícito exercício da fé e a esta conduzem, mas abraça o vasto setor da condição juvenil” (Carta *Iuvenum Patris*, n. 15, AAS 80 [1988], p. 981).

Queridos Irmãos, fui informado que escolheram para o próximo Capítulo Geral o tema: "*Educar os jovens à fé: tarefa e desafio para a comunidade salesiana hoje*". Trata-se de um tema que atinge profundamente toda a Igreja. O seu alcance não depende somente de determinadas características da atual condição juvenil, mas provém de uma situação de cultura emergente numa hora de profundas mudanças, ao aproximar-se o terceiro milênio cristão. É uma hora de grande responsabilidade eclesial e de fascinante compromisso no caminho da evangelização".

3. Portanto digo a Vós e repito a todos os membros da Família Salesiana: sede sempre e em todos os lugares "*missionários dos jovens*"! Educai com o olhar fixo no Cristo, divino Educador do Povo de Deus, como fez Dom Bosco. Hoje mais do que nunca é necessária uma metodologia pedagógica que saiba assumir as contribuições das ciências humanas da educação elevando-as ao degrau vivificante da caridade pastoral. Existe verdadeira fome de sabedoria pastoral, que não se satisfaça em "decifrar" e em "interpretar" o homem, mas que se comprometa eficazmente em transformá-lo à luz daquelas finalidades e com a força daqueles dinamismos, que o próprio Deus colocou no coração da Igreja e da humanidade. Neste campo Dom Bosco é de verdade uma *testemunha*, um *pai* e *mestre* que pode iluminar as atuais tarefas da educação, para responder aos graves desafios do mundo atual.

A sua poderosa intercessão sustente o vibrante pedido de ajuda que se levanta dos mil problemas das famílias e dos educadores de hoje.

Acompanhem-vos a minha oração e a minha Bênção.

(do "Osservatore Romano" do domingo
5 de fevereiro de 1989).

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 SALESIANOS: COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO

Pe. Sérgio Cuevas León

Conselheiro para a Comunicação Social

Para falar hoje, na Congregação, das relações e ligações existentes entre *comunicação* e *educação* é preciso antes de tudo reler as nossas Constituições e Regulamentos. Neles, entre as prioridades apostólicas da missão salesiana, está indicado o significativo campo de ação da “comunicação social”:

- ela é reconhecida, com a intuição de Dom Bosco, como uma verdadeira e eficaz “*escola de massa*”, que “cria cultura e difunde modelos de vida” (Const. 43);
- como Dom Bosco, o salesiano, dentro do projeto educativo-pastoral da comunidade, deverá ser um autêntico “educador da fé, em particular com a comunicação social”, dos jovens e das classes populares (cf. Const. 6,43);
- os Salesianos devem saber utilizar a Comunicação, que entrega em nossas mãos autênticos dons de Deus, expressões do Seu plano de salvação, em sua essência de *educadores e evangelizadores dos jovens* (cf. Const. 43).

Tudo isto encontrará adequada realização na presença pastoral dos Salesianos nos meios de comunicação social (Reg. 31), na preocupação “em educar os jovens à compreensão da linguagem da comunicação social e ao sentido crítico, estético e moral” (Reg. 32), na atenção contínua e profissional para a criação de mensagens e no fluxo de informações para fortalecer a comunhão na Família Salesiana, na Igreja e na sociedade (Reg. 33).

As Constituições portanto apresentam a Comunicação como *dimensão* da vocação e da missão salesiana na Igreja e na sociedade. Esta afirmação provém de duas intuições de Dom Bosco educador e pastor:

- a) Para educar e salvar os jovens não é suficiente agir individualmente sobre cada um deles, também se o diálogo inter-

pessoal do pai com o próprio filho é indispensável. Deve-se intervir no ambiente onde os jovens vivem. Os jovens e as classes populares são de fato extremamente sensíveis e influenciáveis pelo ambiente: um ambiente “bom” ajuda-os a serem bons e um ambiente “mau” facilmente os corrompe ou, pelo menos, os entristece e desumaniza. Compreende-se a ânsia de Dom Bosco para difundir e imprimir bons livros e boas leituras... que criam o ambiente que influi sobre os seus jovens! Portanto, na fidelidade ao carisma do Fundador, as Constituições aceitam o desafio dos meios de comunicação social, que deveriam criar, positivamente, um ambiente educativo.

- b) Além disso, como Dom Bosco intuíra e confirmara através de toda a vida que os jovens não só devem ser amados, mas conhecer que estão sendo amados, assim intuiu também que para salvar os jovens não é só necessário trabalhar mas também “tornar conhecido o bem que se faz” (MB XIII, 126). É necessário que o bem tenha consistência, se difunda no ambiente e crie uma imagem positiva, que, sem dúvida, será a base de um outro bem, como uma relação em cadeia. Eis a providencial presença dos meios de comunicação social: os livros, as circulares, os jornais e as revistas, o teatro, a música... hoje: o cinema, o rádio, a televisão... “Nestas coisas Dom Bosco quis sempre estar na vanguarda do progresso”!

1. Influência dos meios de comunicação social sobre a cultura

Devemos-nos conscientizar que na sociedade dos meios de comunicação social existe uma autêntica “cultura da imagem” e do “consumo”, que se torna cada vez mais dominante e toma o lugar de tantas culturas locais, irremediavelmente marginalizadas e varridas. Podemos acenar antes de tudo a algumas características desta cultura que interessam de perto ao nosso trabalho educativo e pastoral entre os jovens, deixando de lado, neste texto, outros válidos elementos de análise que, também se positivos, nos parecem mais conhecidos.

1.1. *Os meios de comunicação social não só influenciam diretamente sobre as pessoas, mas também sobre as culturas, o conjunto das consciências, das normas, das tradições, e dos valores da sociedade. Eles oferecem aos seus receptores um conjunto*

de “imagens”, idéias e juízos de valores entre os quais podem escolher o que guiará as formas, os ritmos e os conteúdos dos seus comportamentos.

1.2. Os meios de comunicação social têm o poder de *evidenciar* o que foi decidido comunicar e difundir, e de omitir o que não se fala ou o que foi decidido não falar. Assim que o *valor* das pessoas, das coisas, dos acontecimentos e dos comportamentos facilmente está colocado naquilo que *aparece* e naquilo que *todos falam*. Assim que *vale o que todos falam e não o que é valor*. Neste sentido os meios de comunicação social criam cultura, influenciam diretamente sobre as culturas locais, ou nacionais, como agentes de mudança e de transformação e possibilitam a radicalização de “*culturas dominantes*”, também em nível supra-nacional. Muda-se totalmente o que o Papa afirma: “A cultura é aquilo pelo qual o homem enquanto homem torna-se mais homem, ‘e’ mais, aproxima-se mais do ‘ser’. É aqui também que se fundamenta a distinção capital entre aquilo que o homem é e aquilo que ele possui, entre o ser e o ter” (João Paulo II, Discurso na Unesco, 2 de junho de 1980).

1.3. A Comunicação Social com os seus poderosos meios é responsável pela criação da *opinião pública* que muitas vezes resulta uma verdadeira manipulação das consciências, enquanto se apresenta como expressão da chamada “maioria silenciosa”, permitindo-lhe, assim, exercer uma autêntica pressão irracional sobre as pessoas, as famílias e os grupos. Além disso a maior parte dos indivíduos, procurando evitar o isolamento, para não se encontrar sozinhos levando adiante certas atitudes e crenças, aceitam a opinião da maioria. As consequências deste processo são evidentes. Os meios procuram uniformizar idéias, opiniões, gostos e comportamentos. Tornam-se os promotores do domínio do estereotipado, criam personalidades vazias e superficiais. Este perigo aumenta se os meios de comunicação social estão estruturados por razões econômicas ou políticas, como monopólio e se os indivíduos se expõem somente às opiniões que reforçam o próprio prévio modo de pensar.

1.4. Finalmente os meios de comunicação social muitas vezes querem se apresentar como *algo* vazio, objetivo ou, até, neutro... Meios que num clima de pluralismo mal entendido descarregam sobre os receptores todo tipo e qualidade de informações e mensagens... Mas nunca são propostos critérios para

escolher e discernir, ordenando as informações, confrontando-as e avaliando-as com elementos de objetividade ou ao menos de juízos conscientes e motivados. Menos ainda são oferecidas às pessoas perspectivas de intervenção responsável e de caminhos criativos que possam dar chances de intervenção sobre a realidade de maneira amadurecida e eficaz.

2. Relação entre comunicação e educação

Coerentes com as reflexões feitas no número 1, entraremos no tema da correlação entre *comunicação e educação* focalizando alguns importantes problemas educativos.

2.1. É necessário ter um *projeto educativo* que se refira integralmente ao jovem em sua unidade e complementariedade de sentidos e inteligência, de razão e de afetos, de corporeidade e potencialidades espirituais com vistas à expressão e à comunicação. A Comunicação Social abre obrigatoriamente a todas as linguagens, enquanto sistemas de sinais capazes de expressar e comunicar idéias, sentimentos e riquezas interiores do homem. A cultura multiplica códigos e sub-códigos, relações e possibilidades de encontro e de confronto, aberturas e investigações que exigem que a totalidade da pessoa se sinta como indivíduo e em meio a grupos sociais. Este projeto educativo deve ser facilmente adaptado às mudanças cada vez mais rápidas e significativas; sobretudo deve ser expressado e concretizado em autênticos *itinerários educativos*, em relação aos grupos, às idades, aos ambientes e às diferentes situações de vida em que estão inseridos os jovens.

2.2. Se o projeto educativo quiser ser eficaz, procurará coordenar os assim chamados *agentes educativos*, que na sociedade manifestam o seu interesse pelos jovens. A família, em primeiro lugar, a escola, o grupo do tempo livre, os ambientes associativos (religiosos, culturais, de lazer e orientados ao tempo livre), os próprios meios de comunicação social devem entrar no esforço de reflexão e de programação educativa, realizado pelos diferentes educadores que deverão cada vez mais se confrontar para coordenar e melhorar a própria eficácia. Hoje não se pode mais pensar que cada um tem o monopólio da educação, porque não existe mais nenhum monopólio de informação e de comunicação. Aliás somos todos cada vez mais envolvidos num grande

labirinto de mensagens concorrentes e contraditórias que os educadores pacientemente devem decifrar e ajudar a decifrar através de uma multiplicidade de instrumentos críticos e com a máxima colaboração dos próprios educandos.

2.3. É necessário fazer amadurecer sistemática e progressivamente um *forte sentido crítico*, que habilite antes de tudo à leitura e à compreensão dos textos e das diferentes linguagens (desde a palavra escrita e oral, passando ao gesto, até chegar à imagem de todo tipo, à música...), e depois ao discernimento e à avaliação dos múltiplos sistemas de valores, de crenças, de opiniões e de atitudes, nem sempre fundados sobre elementos racionais e motivados, aliás muitas vezes transmitidos simplesmente com a mediação de emoções e sugestões.

2.4. Assim também devem ser feitos todos os esforços possíveis para formar personalidades maduras, capazes de autonomia e de livres e responsáveis decisões diante das modas e dos estereótipos que visam nivelar e massificar. É indispensável cultivar nos jovens o justo desejo de se sair da massificação e do anonimato, impostos enganosamente sem considerar a originalidade e a riqueza de todo homem. Precisamos de protagonistas, sobretudo entre os jovens, seja na expressão seja na comunicação, alcançadas necessariamente com aquela renovada competência à qual nos obriga o progresso tecnológico incessante.

2.5. Como educadores devemos tomar consciência que tudo aquilo que for dito aos jovens, é transmitido num clima cultural que *relativiza* todos os conteúdos e que chegam a eles com elementos de *leviandade*, de *dúvida*, de *precariedade*, de *vazio potencial*. Quando os pais e os educadores se preocupam em transmitir algo, muitos jovens o recebem no contexto de um “barulho de fundo” que o transforma, cria interferências, o critica e, às vezes, até o anula. E, por outro lado, os próprios jovens sentem-se indecisos, tanto mais inseguros quanto mais importante é aquilo que querem dizer... É indispensável responder, como a um desafio, a essa pergunta: *numa sociedade onde tudo muda, o que podemos apontar aos jovens que é válido, que é verdadeiro sem apelar, que é sempre estável?*

2.6. Finalmente, é necessário educar os jovens a serem capazes de criar e exigir *autênticas comunicações alternativas* ao sistema de comunicação dominante na sociedade e na cultura, fundamentalmente linear, autoritário e massificante. Os educado-

res devem percorrer ao lado dos jovens, com criatividade e capacidade de arriscar, os caminhos de uma verdadeira comunicação alternativa nos conteúdos, na utilização da linguagem e dos códigos, nos processos de comunicação utilizados e criados e nas metodologias de comunicação, sempre respeitosos diante das escolhas livres e responsáveis e das exigências democráticas que orientam a participação e a comunhão das pessoas e dos grupos.

3. Comunicação e sistema preventivo

Estes apontamentos gostariam de ser o início de uma reflexão mais vasta e profunda que esperamos possa se realizar nos próximos anos, talvez com a contribuição de diferentes vozes e perspectivas. Sem dúvida é uma reflexão, não só legítima, mas necessária e enriquecedora: de fato torna-se evidente que os estudos sobre a Comunicação iluminam cada vez mais a sabedoria educativa do Sistema Preventivo, a pesquisa e a prática do Sistema Preventivo evidenciam a presença essencial dos processos comunicativos no difícil mas enriquecedor processo de toda experiência educativa.

3.1. A Comunicação como dimensão antropológica e teológica da pessoa contribui constitucionalmente no desenvolvimento integral de todo homem, objetivo de todo processo educativo.

3.1.1. Antes de tudo a Comunicação revela, em cada pessoa, a riqueza das suas capacidades de análise, de interpretação lógica e de percepção e expressão do significado diante das várias realidades. É esta uma perspectiva interessante que faz descobrir a importância da convicção de Dom Bosco: para educar os jovens é necessário fazer apelo às riquezas de inteligência e de racionalidade mais do que às imposições imotivadas e autoritárias.

3.1.2. Para ser verdadeiramente pessoa é necessário saber penetrar, dominar e finalizar a riqueza de afetos, de emoções e de paixões que fazem parte daquele mistério que é o "coração" do homem. Dom Bosco afirma: "A educação é coisa do coração"; e convida todos os educadores a redescobrir exatamente nesta profundidade do coração dos jovens, eficazes caminhos que levem à docilidade, ao Espírito que convida todo homem ao diálogo, à compreensão acolhedora, à comunhão e à alegria de estar juntos.

3.1.3. Todo homem sente que a própria capacidade de perceber o sentido dos acontecimentos e da realidade, assim como as possibilidades de expressão e de comunicação que é chamado a desenvolver, para crescer e amadurecer, estão naturalmente abertas a horizontes ilimitados, infinitos. Dom Bosco nos garante que não é possível educar sem esta constante abertura ao Transcendente. Ele, ainda, nos ensina a ver este Transcendente com os traços misericordiosos de Cristo Bom Pastor e perfeito Comunicador.

3.2. Na práxis educativa de Dom Bosco evidencia-se como a Comunicação seja *elemento indispensável do seu estilo e do seu sucesso educativo*. Ele ama viver fisicamente com os seus jovens para conhecê-los e dialogar com eles nos momentos mais sinceros, mais espontâneos e expressivos da sua vida: o jogo, os momentos de alegria e de espontaneidade, quando os freios psicológicos e sociais são menos rígidos; os momentos de intimidade familiar que facilitam a mútua confiança e compreensão, como o comer juntos e a “boa noite”; as estruturas e o ambiente familiar que convidam todos a se sentirem protagonistas, participando ativamente com as próprias qualidades e possibilidades. O sistema de Dom Bosco previne o jovem dos fechamentos defensivos que o isolariam e o bloqueariam em seu crescimento integral e harmonioso, dando o primeiro passo em busca do diálogo aberto, da adesão simpática e alegre, da confiança sincera e da tranqüila convicção que seremos ouvidos e compreendidos, em lugar de sermos julgados ou reprimidos.

3.3. Assim também Dom Bosco, com o seu Sistema Preventivo, indicou-nos o *caminho da prevenção* diante da massa de informações, sugestões e mensagens que chegam através dos meios de comunicação social (para Ele, a imprensa...; para nós, a televisão, o cinema, a imprensa, a propaganda, os discos, as fitas...). Indispensáveis neste caminho são: possuir os instrumentos críticos; o exercício da liberdade responsável na exposição e na avaliação das múltiplas mensagens; a capacidade de reação criativa e original, fruto de convicções e ideais profundamente interiorizadas; a presença responsável e alternativa nos mesmos meios com a convicção de ter muitas mensagens úteis e agradáveis para inserir no sistema cultural, sem nenhum sentimento de inferioridade; o desejo positivo de querer e saber aceitar os desafios comunicativos e tecnológicos que o progresso propõe aos con-

temporâneos, bons ou maus, para que possam se expressar e comunicar.

Por causa de tudo isto, numa civilização da Comunicação Social não será possível viver integralmente o Sistema Preventivo, assim como o viveu em plenitude Dom Bosco:

- se não se educar ao sentido crítico, ao discernimento e à capacidade de “avaliação” diante da intrincada e contraditória massa de mensagens;
- se não se amadurecem nos jovens profundas convicções morais e autênticos valores cristãos, que sejam para eles poderosos pontos de referência para iluminar o caminho conturbado da vida e fazer brilhar metas e ideais, e assim atraí-los e orientá-los;
- se os jovens não são educados à coragem de participar responsabilmente nos processos culturais e comunicativos, através da capacidade profissional de utilização das mensagens, dos códigos, dos processos, das técnicas e dos instrumentos da comunicação cultural do próprio tempo;
- se, como educadores, pais e mestres não andamos ao lado dos jovens, pelos vários caminhos da Comunicação e da cultura, partilhando com eles esforços, tentativas, sucessos e derrotas na tensão rumo aos ideais partilhados.

4. “Formar à comunicação”

Hoje, na Congregação e na Igreja, os comunicadores estão mais convencidos que é exatamente a *perspectiva educativa* que permite refletir sobre a Comunicação de maneira mais específica e eficaz e assim compreender a importância e a essencialidade desta dimensão no trabalho educativo e pastoral.

É assim que:

- Devemos falar de “*formação para a comunicação*” não como fosse uma ciência isolada e só relacionada com a informação e aos meios de comunicação, mas pensando em uma ciência que permite a toda pessoa orientar ativa e responsabilmente o próprio crescimento, desenvolvendo as capacidades criativas e de participação.

- Se se fala em abrir novas estruturas ao serviço de Comunicação, se faz isso com a preocupação de favorecer o desenvolvimento de todas aquelas atitudes típicas de quem sabe expressar, difundir e receber mensagens significativas para criar comunhão entre as pessoas e as comunidades.
- Querendo formar educadores-comunicadores, pastores-comunicadores, ou simplesmente animadores de grupo (culturais, esportivos, musicais, espirituais, de voluntários, de serviço, de apostolado, de espiritualidade...) é dever formar aquelas capacidades que permitam a análise das situações de vida, dos fluxos da comunicação e dos processos de expressão e o respeito pelos mesmos. Tudo isto significará formar capacidades críticas que permitam o confronto com sistemas e processos massificantes e alienantes.
- Como também falar de Comunicação quer dizer prioritariamente:
 - fixar a própria atenção sobre as linguagens de hoje (a palavra, o gesto, a imagem, o som, a dança, o audiovisual, a mímica...) que permitem o diálogo e a mútua compreensão;
 - ter cada vez mais forte a consciência que os processos humanos de comunicação se desenvolvem em diferentes níveis (pessoal, de grupo, social ou de massa) com problemáticas específicas e distintas estruturas de relação que condicionam o conhecer e o agir;
 - conscientizar-se que os meios de comunicação social condicionam o nosso abrir-se à realidade em sua reprodução e formam uma nova cultura condicionando a nossa relação com o mundo, que transformamos e nos transforma.
- Finalmente a formação à Comunicação e com a Comunicação comporta a aprendizagem de técnicas e o uso cada vez mais apropriado de meios de comunicação.

5. Algumas orientações para "educar comunicando"

Hoje, aproveitando das experiências de muitos comunicadores e de estudos mais abundantes e profundos, podemos indicar algumas orientações se queremos *educar comunicando e comunicar educando*.

5.1. É necessário adquirir *profissionalismo* em nosso trabalho de educadores-comunicadores. Especializar-se com o estudo, com experiências dirigidas e avaliadas, com o humilde intercâmbio de experiências num clima de crítica e de auto-crítica construtivas.

5.2. É necessário *prever* o futuro (desenvolvimentos tecnológicos, psicológicos, sociológicos, culturais e espirituais) e *fazer projetos* que recuperem as experiências do passado e do presente e saibam antecipar inteligentemente o futuro.

5.3. É necessário abrir-se à *linguagem total*: isto é, às capacidades de se expressar com todas as formas possíveis, as distintas linguagens e os vários códigos culturais presentes na nossa sociedade da comunicação. Hoje a comunicação tornou-se decididamente “multi-variada”.

5.4. É necessário democratizar os processos de comunicação presentes no trabalho educativo, no contínuo propósito de favorecer sempre a *participação*, como caminho real e possível para criar uma *comunhão* de pessoas livres e responsáveis.

5.5. Por fim é necessário usar e fazer usar válidos *métodos críticos* de *leitura estrutural*, de *avaliação*, e de *seleção* das milhares de mensagens que são propostos e algumas vezes impostos.

6. Prioridades operacionais

Em alguns documentos, seja em nível de Congregação seja de Dicastério, são indicadas e motivadas algumas urgências operacionais de trabalho dos Salesianos na Comunicação Social.

Gostaria de lembrar a necessidade de uma eficaz formação dos jovens irmãos seja como expectadores seja como educadores de expectadores, a ser realizada em todos os níveis da primeira formação, como também em nível de formação permanente.

Deve-se também sublinhar o esforço para adequar as estruturas e as obras específicas na Comunicação que a Congregação já possui, às urgências das situações e ao progresso tecnológico e metodológico, seguindo também nisto os ensinamentos e os exemplos do próprio Dom Bosco.

Assim também deve-se insistir sobre a necessidade de pesquisa nos vários setores da comunicação, sobretudo em relação à educação e à pastoral, necessidade a que sem dúvida responderá também o novo *Instituto Superior para a Comunicação*, nascido na UPS como compromisso no ano centenário da morte de Dom Bosco, e recentemente aprovado "ad experimentum" pela Congregação para a Educação Católica.

Aqui agora, com o desejo de indicar algumas prioridades que nos parecem possíveis em todas as Inspetorias, também se com modalidades diferentes, apontamos o que segue:

6.1. É possível fazer uma avaliação sobre as experiências (amplas ou modestas) que foram feitas nas comunidades formativas para chegar a um *plano formativo* mais orgânico, harmônico e eficaz. Não se trata de codificar para tirar a criatividade e impor modelos já prontos; hoje é necessário confrontar, avaliar e encontrar modelos satisfatórios e adequados aos desafios da sociedade e dos jovens.

6.2. Acredito que tenha chegado a hora em que não pode haver mais atrasos, para privilegiar em todas as nossas estruturas educativas (escolas, em particular, oratórios, grupos, paróquias etc.) autênticos *itinerários de educação à linguagem da imagem e dos mass media*, com abertura a todas as linguagens expressivas. Esses itinerários devem ser pensados com a ajuda de peritos e de numerosos estudos e documentos que já existem, devem ser experimentados com paciência e com continuidade e, por fim, devem ser avaliados em seus frutos para serem aperfeiçoados e aprofundados. Neste sentido será preocupação do Inspetor, com a colaboração competente do próprio Delegado para a Comunicação, avaliar e incentivar que nos Projetos Educativos inspetoriais e de cada comunidade seja levada em conta a dimensão da Comunicação, nas diferentes perspectivas e exigências do trabalho educativo. Sejam indicados os objetivos, os conteúdos essenciais, as etapas a serem percorridas e os animadores (salesianos e leigos) responsáveis por esses itinerários educativos.

6.3. Finalmente deve ser um compromisso de todas as Inspetorias, nos Capítulos Inspetoriais que se estão celebrando, aprofundar o tema da *Educação à Fé dos Jovens* diante dos desafios da comunicação moderna e, sobretudo, diante do fato de os jovens viverem na civilização dos meios de comunicação social.

Eles, mais vulneráveis e influenciáveis, como também todos os adultos de hoje, estão inseridos “numa sociedade geralmente dominada pela *civilização das imagens* (cinema, televisão, revistas) e pela rápida difusão das notícias, idéias, valores, informações culturais e científicas, transmitidos numa linguagem fácil e incisiva. E muitas vezes, neste contexto, *não se fala de Deus*; a religião é considerada um fato individual, quando não é apresentada numa dimensão crítica ou negativa; além disso os modelos de vida e as interpretações da realidade são múltiplos e contrastantes” (João Paulo II, *Discurso aos participantes da sexta sessão plenária do Conselho Internacional para a Catequese*, L'Osservatore Romano, 30 de outubro de 1988). Eis porque é absolutamente urgente e não se pode mais adiar, uma real educação crítica e libertadora diante do mundo da comunicação e das mensagens com que ela nos assalta e invade.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Durante os meses de dezembro de 1988, janeiro e início de fevereiro de 1989, as reuniões do Conselho Geral ocuparam o Reitor-Mor, que se afastou de Roma somente para participar de algumas celebrações do Centenário.

Por este motivo estava, nos dias 6 a 9 de janeiro, em Malta e Gozo; depois em Turim e em Castelnuovo Dom Bosco, onde recebeu o diploma de "Cidadão honorário" (14-15 de janeiro); depois em Palermo (24 e 25 de janeiro) para uma memorável comemoração cívica, na presença do Conselho regional, no palácio dos Normandos.

No domingo 22 de janeiro presidiu no Vaticano, com os católicos chineses de Roma, uma Eucaristia transmitida para toda a China.

No entanto passava momentos de preocupação pelo grave enfarte que sofreu o vicário geral, Pe. Gaetano Scrivo, que graças a Deus está se recuperando bem.

De particular interesse foi sua participação na semana de estudos sobre Dom Bosco, organizada pela nossa Universidade, e ao Simpósio sobre "Dom Bosco Fundador", celebrado na Casa geral. No dia 18 de janeiro era nomeado membro da Congregação para a Evangelização dos Povos.

No dia 25 de janeiro abençoou solenemente a primeira pedra da nova Biblioteca da UPS; e no dia 29, novamente na UPS, colocava a primeira pedra da igreja paroquial de "Nossa Senhora da Esperança".

No dia 31 de janeiro, com a comemoração cívica no Campidoglio (Prefeitura de Roma) e a imponente liturgia no templo dedicado a Dom Bosco de "Pai e Mestre cluiu solenemente o Centenário. Este foi coroado com a Audiência concedida pelo Papa, a 4 de fevereiro, ao Reitor-Mor e ao seu Conselho: o Reitor-Mor aproveitou a ocasião para agradecer ao Santo Padre por tudo o que fez neste "Ano de graça" e, em particular, pela proclamação do título dado a Dom Bosco de "Pai e Mestre da Juventude".

Dignos de nota são também a participação na Assembléia da FIDAE (28.12.1988), a conferência à comunidade diocesana de Livorno sobre "Dom Bosco e a marginalização" (9.2.1989) e, finalmente, o encontro a Ponte Bugginese na Toscana (12.2.1989) para comemorar o Santo dos jovens.

Seguiram-se imediatamente os Exercícios espirituais, realizados em Pacognano (12-18 de fevereiro) com o Conselho Geral e os Inspectores da Itália e do Oriente Médio. Aqui pôde visitar várias vezes o caríssimo Pe. Luís Rícceri (morando em Castellammare di Stabia), para voltar depois a Roma, onde ficou menos de uma semana.

A 25 de fevereiro viajava para a Venezuela para pregar os Exercícios espirituais aos Diretores; depois, de Caracas seguia para Cuba para uma visita de animação aos Irmãos e à Família salesiana da ilha.

4.2. Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária de inverno do Conselho Geral iniciou a 6 de dezembro de 1988. Os Conselheiros tinham voltado uns dias antes de suas viagens de animação das comunidades e dos irmãos nas várias regiões do mundo.

Como sempre a sessão do Conselho foi muito intensa; nesta circunstância aos trabalhos de avaliação e de programação e ao estudo de relatórios e problemas relacionados com as Inspetorias uniram-se os compromissos particulares da conclusão do Centenário.

Eis, em síntese, os principais argumentos tratados no Conselho, além evidentemente de numerosos despachos normais de governo (nomeações de Conselheiros inspetoriais e diretores, ereções canônicas, assuntos administrativos, assuntos pessoais de irmãos):

1. *Nomeações de Inspetores*: após o cuidadoso exame da consulta inspetorial, o Conselho deu seu consentimento para a nomeação do Inspetor de Guadalajara (México) e do Superior da nova Visitadoria da África Meridional. O Conselho aprovou, por motivos especiais, a prorrogação por um ano o encargo do Inspetor de Valência (Espanha).

2. *Relações das visitas extraordinárias*: um demorado trabalho foi o de examinar as relações das Visitas extraordinárias realizadas durante o período agosto-novembro. As Inspetorias visitadas foram (em ordem alfabética): Argentina-La Plata, Áustria, Bolívia, Espanha-León, Índia-Calcutá, Itália-Ligure-Toscana, Iugoslávia-Ljubljana, Paraguai, Uruguai. Do exame das relações o Conselho tirou as linhas orientadoras para uma mais

eficaz animação das diferentes comunidades inspetoriais.

3. *Visita de conjunto*: foi feita uma relação sobre a última das "Visitas de conjunto", aquela para as Inspetorias da Polônia, realizada em Varsóvia de 4 a 11 de outubro de 1988.

4. *Atividade dos Dicastérios*: um tempo adequado foi dedicado à avaliação e programação das atividades dos Dicastérios. Cada Conselheiro apresentou um dossiê detalhado das atividades desenvolvidas no período agosto-novembro, dos problemas e perspectivas afloradas. Sobre as várias apresentações o Conselho refletiu, com vistas à necessária coordenação dos diferentes setores de ação.

5. *Representação da África Salesiana no CG23*: um tema particular, estudado pelo Conselho, foi aquele de uma adequada participação ao CG23 pelos irmãos que trabalham na África. Depois de ter estudado os vários aspectos do problema (do ponto de vista jurídico e salesiano), o Conselho concluiu por um lado sobre a necessidade que as comunidades salesianas da África, oportunamente reunidas, realizem "assembléias" especiais para mandar contribuições ao CG23; por outro lado, pediu ao Reitor-Mor que convide ao CG23 alguns irmãos da África como observadores.

6. *Reconhecimento de pertença à Família Salesiana*: durante a sessão o Conselho geral, com base em critérios já estabelecidos, estudou os pedidos feitos e apresentou parecer favorável para a pertença à Família Salesiana do Instituto das Irmãs de Jesus Adolescente (Campo Grande — Brasil) e da Associação das "Damas salesianas" (cf. documentos e notícias nn. 5.5, 5.6).

7. *Reflexão sobre a "Christifideles laici"*: por ocasião da publicação da Exortação Apostólica "Christifideles laici" o Conselho quis fazer uma reflexão específica, para perceber nela os aspectos que tocam mais de perto o nosso trabalho de educadores — animadores. Os Conselheiros dos Dicastérios orientaram o estudo, oferecendo um roteiro, partindo de vários enfoques: a nova evangelização, a pastoral juvenil, o compromisso missionário, a formação dos leigos, a comunicação social.

Como foi acenado, na segunda metade de janeiro os Conselheiros participaram ativamente dos compromissos e das celebrações do Centenário. Em particular participaram (ao menos nos momentos mais importantes) ao Congresso de estudo sobre Dom Bosco, promo-

vido pela UPS, ao Simpósio da Família salesiana sobre Dom Bosco Fundador, às manifestações conclusivas do centenário no Campidoglio e no Templo de Dom Bosco em Roma.

A sessão concluiu-se com os Exercícios espirituais, realizados em Pacognano (Nápoles), de 12 a 18 de fevereiro, com os Inspetores da Itália, com o Inspetor do Oriente Médio e o Superior da UPS. Também o Card. Rosálio Castillo Lara quis participar em espírito de família. Pregados pelo Pe. Antônio Fanuli, professor de Sagrada Escritura em Nápoles, os Exercícios foram não só dias de interioridade, mas também de grande fraternidade salesiana, e ocasião para um vivo obrigado a Deus por tudo o que fez no centenário do nosso Fundador.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. Carta do Reitor-Mor ao Santo Padre na conclusão das celebrações centenárias

Transcrevemos a carta escrita pelo Reitor-Mor ao Santo Padre para expressar o agradecimento da Família Salesiana no encerramento das celebrações do Centenário. Os conteúdos da carta foram também manifestados à viva voz durante a Audiência de 4 de fevereiro.

Prot. 89/0134

Roma, 4 de fevereiro de 1989

A Sua Santidade
João Paulo II
Cidade do Vaticano
Beatíssimo Pai,

Estou cumprindo um dever de gratidão em nome de toda a Família Salesiana.

Somos profundamente gratos à Vossa Santidade pela proclamação do título "Juventutis Pater et Magister" com que decidiu, pelo Poder Apostólico, honrar e invocar São João Bosco.

É uma declaração que evidencia a iniciativa do Espírito plasmando um Modelo tão insigne de Educador.

Consideramos esta apreciadíssima iniciativa de Vossa Santidade como um especial apelo e um estímulo para nós Salesianos.

Traduziremos a nossa alegria e o nosso agradecimento com propósitos de um estudo mais profundo e um melhor conhecimento do

carisma salesiano, e de renovado compromisso eclesial na estrada em direção ao terceiro milênio da fé.

Agrada-me expressar à Vossa Santidade também os sentimentos de admiração e de gratidão por tudo aquilo que quis fazer durante este Ano de graça: desde a orientadora Carta "Juvenum Patris", à inesquecível peregrinação aos lugares de Dom Bosco, aos discursos que enalteceram a personalidade, à beatificação da adolescente Laura Vicuña, às múltiplas demonstrações de bondade e de estima, ao exemplo arrastador de predileção e de guia para os jovens de hoje.

Santo Padre, muito obrigado!

Conte com nossa cotidiana oração, nossa adesão sincera ao providencial mistério de Pedro, com nosso humilde e interessado sentido de Igreja e com nossa dedicação à juventude popular.

Como pequeno sinal de um grande reconhecimento permita incluir-Lhe uma oferta significativamente "centenária".

A Virgem Maria, tanto solícita nos tempos difíceis, acompanhe sempre, como Auxiliadora e Mãe da Igreja, Vossa Santidade em Sua obra de corajoso Profeta da verdade, de incansável Renovador dos compromissos sociais da caridade, e de leal e vigilante amigo dos jovens.

Enquanto apresento à Vossa Santidade os sentimentos de respeito de toda a Família Salesiana, professo-me no Senhor.

Pe. Egidio Viganò

5.2. Primeiro congresso internacional de estudos sobre São João Bosco

Promovido pela Universidade Salesiana em colaboração com o Instituto Histórico e com a Faculdade de Ciências da educação "Auxilium", nos dias 16-20 de janeiro realizou-se na Universidade o primeiro congresso internacional de estudos sobre a figura e sobre a obra de Dom Bosco. Duas as finalidades que tinham sido propostas pelos organizadores: avaliar os estudos e as modalidades de conhecimento sobre o nosso Santo, e abrir, possivelmente, uma nova fase "focalizando, ao mesmo tempo, os motivos da atualidade de sua mensagem para a Igreja e para o mundo de hoje". O congresso, aberto ao mundo acadêmico internacional, e em particular aos professores e peritos das ciências históricas, teológicas e pedagógicas, foi atentamente seguido por mais de 300 pessoas, de dezenas de países, também não europeus.

A relação principal do primeiro dia foi feita pelo Pe. P. Stella sobre o tema: *Balanco das modalidades de conhecimento e dos estudos sobre Dom Bosco*. No segundo dia foi enfrentada a relação entre *Dom Bosco e a sociedade civil* com várias intervenções do Pe. B. Bellerate, Pe. J. M. Prellezo, prof. G. Branco e prof. S. Tramontin. No terceiro dia estudou-se a *relação entre Dom Bosco e a comunidade eclesial*, com as exposições preliminares confiadas ao prof. E. Poulat ("Dom Bosco e a Igreja no mundo do seu tempo") e ao prof. J. M. Laboa ("A experiência e o sentido de Igreja na obra de Dom Bosco"). Quinta-feira 19, o interesse foi polarizado sobre *"A escolha dos jovens e a proposta*

educativa de Dom Bosco", tema sobre o qual apresentou uma ampla relação o prof. L. Pazzaglia. No último dia considerou-se *Dom Bosco educador do povo*, através da exposição do prof. F. Traniello ("Dom Bosco na história da cultura popular"). As *perspectivas e as iniciativas de pesquisa*, como conclusão, foram confiadas a Pe. Pietro Braidó, diretor do Instituto Histórico Salesiano. Obviamente as relações principais foram enriquecidas com muitas outras comunicações, feitas no salão nobre como também nas três salas previstas para as secções linguísticas.

No contexto do congresso, no dia 17 de janeiro o Reitor Magnífico da Universidade, Pe. Egidio Viganó, outorgou o título de "doutor honoris causa" em Ciências da Educação e S. Em. o card. *Carlos Maria Martini, Arcebispo de Milão*.

Na sessão final do Congresso, no dia 20 de janeiro, participou o Reitor-Mor, que dirigiu a todos os presentes a sua palavra de incentivo pelos resultados alcançados, convidando a não desistir de estudar mais ainda um personagem tão significativo para a Igreja e para o mundo como é Dom Bosco.

5.3. Simpósio da família salesiana sobre Dom Bosco Fundador

De 22 a 26 de janeiro, no "Salesianum" em "via della Pisana", realizou-se o simpósio, organizado pelo Dicastério da Família Salesiana, com a colaboração dos vários Grupos, para um estudo aprofundado sobre "Dom Bosco Fundador". O simpósio se apresentava como um compromisso dos responsáveis pela Família Salesiana de refletir sobre a pessoa do Santo

Fundador, para tirar elementos válidos e atualizar seu carisma hoje. Pela sua característica, o encontro foi reservado, em particular, aos Conselhos Gerais dos Salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora, aos responsáveis dos Cooperadores, Voluntários de Dom Bosco, Ex-alunos e Ex-alunas, e às Superiores e representantes dos vários Institutos religiosos pertencentes à Família. Esteve presente em todos os trabalhos também o Arcebispo de Shillong; Dom Hubert D'Rosario SDB, Fundador de um Instituto no Assam.

Após a apresentação dos trabalhos pelo Conselheiro para a Família Salesiana, Pe. Sérgio Cuevas, foram feitas, nos vários dias, as relações programadas, intercaladas por comunicações e pelo debate entre os participantes, que contribuíram para esclarecer com maior clareza os aspectos da figura do Fundador, encontrando-os seja nos fatos históricos seja na compreensão do carisma.

Limitamo-nos aqui em assinalar a lista das relações. No primeiro dia estudou-se em geral o tema do "Fundador" com duas apresentações do Pe. Mario Midali (*"Análise avaliativa dos tipos de contato com a figura de Dom Bosco fundador, à luz da reflexão contemporânea"*) e do Pe. Francis Desraumaut (*"Dom Bosco fundador"*). No segundo dia aprofundou-se mais especificamente o tema da fundação da Sociedade Salesiana: o Pe. Ramón Alberti falou de *Dom Bosco fundador dos Salesianos* e o Pe. José Tuninetti apresentou as *"Relações de Dom Bosco com os arcebispos de Turim sobre a fundação da família salesiana"*. As relações foram completadas por comunicações do Pe. F. Motto e do Pe. C. Semeraro. Quinta-feira dia 25 de janeiro o tempo foi dedicado

para aprofundar a fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Duas as relações: *"Dom Bosco Fundador das Filhas de Maria Auxiliadora"* (Ir. Ester Posada); *"Dom Bosco e Madre Mazzarello na Fundação das FMA"* (Ir. Anita Deleidi). O último dia foi dedicado ao estudo de *"Dom Bosco Fundador dos cooperadores"* (Pe. Francis Desraumaut) e de *"Referências a Dom Bosco dos outros grupos da família salesiana"* (Pe. J. Aubry).

O simpósio caracterizou-se, além do intenso empenho de reflexão, pela fraternidade salesiana e pela oração, que fez sentir vivo o clima de Família. Durante o Simpósio deve-se assinalar a bênção da primeira pedra da futura Biblioteca da UPS, que aconteceu na quarta-feira 25 de janeiro.

Reproduzimos aqui a *relação conclusiva do Reitor-Mor*, que apresenta uma síntese dos vários aspectos afluídos e uma indicação viva e atual ao Fundador.

Significado eclesial e social de Dom Bosco Fundador no hoje da igreja e da sociedade

Apresento algumas reflexões como estímulo a ulteriores pesquisas.

O meu não é um estudo científico, mas um conjunto de considerações feitas no contexto da minha tarefa de serviço à Família Salesiana como seu centro de unidade.

1. Reflexões sobre um acontecimento de vida

O tema do Simpósio é, para nós, vital.

A falta de referência ao Fundador traria para a nossa Família um enfraquecimento da sua identidade e uma nociva dispersão na comunhão.

O Santo Padre João Paulo II reconheceu, na Carta que nos escreveu a 31 de janeiro de 1988, que Dom Bosco deve ser colocado na Igreja "entre os grandes Fundadores" (IP, 5).

Esta afirmação nos faz pensar em algumas célebres figuras de "eminentes Homens e Mulheres" (LG, 45) que "fundaram Famílias religiosas" (PC, 1) e cujo "espírito e finalidade" asseguram "a índole própria e a missão" dos seus seguidores (cf. PC, 2); lembremos por exemplo, S. Bento, S. Francisco de Assis, S. Domingos de Guzmán, Sto. Inácio de Loyola, S. João Batista de La Salle, Sta. Angela Mérici, Sta. Teresa, etc.

O aparecimento de um Fundador na história da Igreja é propriamente um "acontecimento de vida". Na sua pessoa e na sua obra de fundação aparece uma especial intervenção de Deus. Assim, a consideração da tarefa do Fundador não pode ser reduzida simplesmente à análise dos dados históricos do passado — também se indispensáveis —, porque trata-se de uma experiência espiritual ainda viva hoje nas pessoas e nos grupos. Requer uma natural reflexão de fé (também com a ajuda de tantas ciências) para individualizar as "mirabilia Dei" que se manifestaram na sua vida e permanecem como tradição genuína que se refere a ele.

Quero dizer que, com o estudo de um Fundador, tenta-se entrar no coração de uma realidade viva, que ultrapassa as constatações fenomenológicas. Quem, por exemplo, não seguiu atentamente a renovação do carisma permanente de um Fundador depois das orientações deixadas pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, marginaliza-se de uma objetiva capacidade de interpretação integral.

Por isso não me parece fora de lugar a pergunta: qual possa ser "hoje" o significado eclesial e social de Dom Bosco Fundador.

Certamente a resposta não é simples. Se olharmos unicamente para a nossa Família espiritual, veremos que todo Grupo possui, nela, uma sua crônica das origens e uma sua peculiar visão para interpretar seu alcance.

2. Um olhar à história das Famílias religiosas

Se considerarmos a figura do "Homem (ou Mulher) eminente" a que se referem como "Fundador" inicial as várias Famílias espirituais, encontraremos uma grande variedade de experiências.

Assim, por exemplo, enquanto S. Pacômio institucionalizava fortemente a vida isolada do mundo (total ou suavizada, que permanecerá sempre presente no Oriente) como forma de vida monástica — e o mesmo diga-se de S. Basílio —, Santo Antão abade nunca pensou em fundar uma instituição organizada. O mesmo S. Bento limitou-se a dar uma Regra a uma comunidade local, que não está estritamente na origem do desenvolvimento posterior; são mais os monjes vindos depois que se referem a ele como a um modelo e à Regra como a uma direção. Assim também vários Institutos olham para Santo Agostinho e sua Regra, sem que ele mesmo tenha nunca pensado em organizá-los.

Nos séculos anteriores a S. Francisco de Assis no Ocidente foram declaradas intocáveis, por sua autoridade e autenticidade, as Regras de S. Bento e de Sto. Agostinho, às quais deviam se inspirar os vários Institutos nascentes, como a orientações e modelos.

É só depois do século XIII (após o Concílio Lateranense IV) que abre-se o caminho a um conceito mais ou menos definido de "Fundador" de uma Família religiosa (cf. *Comentário ao projeto de vida dos salesianos de D. Bosco*, Roma 1986, vol. I, p. 12). E também aqui não é totalmente unívoco, mas existe uma variedade de diferentes modos de fundação (ou ao mesmo tempo também vários casos de "co-fundação").

É portanto, uma tarefa que requer em cada Família uma indispensável consideração objetiva do tipo histórico, a ser aplicado analogicamente a todo grupo que lhe pertence. Assim os requisitos exigidos num Fundador resultam, de fato, diferenciados em vários níveis: iniciam por um denominador comum, que comporta, no mínimo, uma figura de "Homem (ou Mulher) eminente" (que muitas vezes será também um formal Santo), por quanto foi original e genial na interpretação do seguimento de Cristo e que traz consigo uma inspiração particularmente intensa e atraente (qual ponto de referência de um peculiar espírito que o torna um modelo a ser admirado e que deixou uma certa metodologia para vivê-lo), até indicar, em outros casos, quem não só viveu uma peculiar experiência do Espírito Santo, mas cuidou também a maneira de transmiti-la esclarecendo e organizando, com maior ou menor definição, o específico patrimônio hereditário a ser conservado e desenvolvido.

3. A figura de Dom Bosco "Fundador"

Quando nós falamos de Dom Bosco "Fundador" o discurso se torna mais concreto e refere-se inicial e explicitamente a três Grupos primitivos da nossa Família Salesiana: a Sociedade de S. Francisco

de Sales (SDB), o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora (FMA) e a Associação dos Cooperadores Salesianos (CC.SS).

A aplicação aos outros Grupos da nossa Família tem um significado mais amplo a ser examinado Grupo por Grupo, considerando os elementos comuns relacionados com ele, por quanto inspirou os sucessivos "fundadores" influenciando de diferentes maneiras sobre a tradição de vida dos seus grupos. Por isso, a sua pertença à nossa Família deve ser fundamentar sobre determinadas condições a ser avaliadas pela autoridade, também se a sua validade interna viveu constantemente o patrimônio espiritual. Nestes casos deve-se sempre aprofundar a relação espiritual entre o próprio fundador imediato e Dom Bosco.

Uma particular consideração merece a figura de Sta. Maria D. Mazzarello como "Co-fundadora" do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Já falei disso brevemente na Carta que escrevi às FMA por ocasião do centenário de sua morte (cf. Carta: *Redescobrir o Espírito de Mornese*, 24 de fevereiro de 1981). A Mazzarello entra com peculiar fulgor na constelação das origens do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora pela transmissão viva nele do patrimônio salesiano.

Dom Bosco amadureceu pouco por vez na sua consciência uma percepção clara, e acima de qualquer dúvida, da sua missão de Fundador a que foi chamado do alto para transmitir a sua experiência evangélica também através de mediações organizativas e indicações normativas.

Como Fundador, a ele aplica-se o que diz Paulo VI na Exortação apostólica "Evangelica testificatio" onde insiste sobre a importância

de “ser fiéis ao espírito dos Fundadores, às suas intenções evangélicas, ao exemplo da sua santidade”. O patrimônio espiritual dos Fundadores, “longe de ser um impulso nascido da carne e do sangue (Jo 1,13), nem fruto de uma mentalidade que se conforma com o mundo presente (Rm 12,2) é fruto do Espírito Santo que sempre age na Igreja” (ET, 11; 21 de junho de 1971).

Neste sentido Paulo VI fala do “carisma dos Fundadores”, que mais tarde (14 de maio de 1978) o documento “Mutae Relationes” descreve como “uma experiência do Espírito, transmitida aos próprios discípulos para ser por eles vivida, guardada, aprofundada e constantemente desenvolvida em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento” (MR, 11).

4. Gradualidade e convergência na obra de fundação

Dom Bosco, como Fundador, não iniciou com um projeto claro e pré-estabelecido, mas foi gradualmente à procura, às vezes quase às apalpadelas, com indicações sugeridas ou impostas pelas circunstâncias concretas (consideradas como sinais da Providência) e com a colaboração de pessoas, também as mais variadas, entre as quais sobressai-se o Papa Pio IX, que Dom Bosco agradeceu — numa sua carta em latim datada em 1 de março de 1873 — pela sua participação e os seus conselhos no difícil período da fundação, na orientação e na consolidação (cf. Atos CG21, p. 303-307: “opere et consilio fundasti, direxisti, consolidasti”. E se alguém for ler a dedicatória escrita no pedestal da estátua de Pio IX na basílica do Sagrado Coração em Roma, encontrará, dirigida a ele, a expressão “alteri Salesianorum parenti!”).

O período difícil de inserção da sua fundação nas estruturas eclesiais e na sociedade civil apresenta uma concreta gradualidade de busca na flexibilidade. Dom Bosco não almeja um ideal só imaginário, mas adapta-se inteligentemente à realidade. O seu projeto vai-se modificando em conformidade também com os acontecimentos, não aceitos passivamente, mas enfrentados com constância criativa. Só nos primeiros anos de sacerdócio (especialmente nos anos 48-50) e gradualmente, sob o impulso das iluminações do alto e urgências que empurravam da base (de fato, só em Turim encontra os garotos dos seus sonhos!), confrontadas com o seu diretor espiritual, S. José Cafasso, pode-se dizer que tinha já clara a meta: uma missão definida, um espírito próprio, uma metodologia peculiar, um envolvimento do maior número possível de colaboradores.

Podemos deduzi-lo de uma explícita afirmação: “A Virgem Maria tinha-me indicado em sonho o campo no qual eu devia trabalhar. Tinha portanto o projeto de um plano, meditado, completo, do qual não podia e nem queria absolutamente me afastar. Eu era absolutamente responsável pelo sucesso dos mesmos. Via claramente o caminho que devia percorrer, os meios que devia utilizar para ser bem sucedido no empreendimento; portanto não podia correr o risco de esvaziar esse plano submetendo-o ao juízo e à vontade dos outros. Apesar disso, neste mesmo ano de 1847 quis observar com maior interesse se existisse alguma Instituição em que eu pudesse ter a segurança de executar o meu mandato, mas não demorei a perceber que não havia. Apesar de ser santíssimo o espírito que os animava e a finalidade a que tendiam, todavia não correspondiam aos meus

objetivos. Estes foram os motivos que me seguraram para não entrar nalguma Ordem ou Congregação de religiosos" (MB 3, 247).

No entanto, tudo estava ainda no estágio inicial, fechado como numa semente. Não tinha claro o caminho, não previa os passos do futuro dinâmico e imprevisível do seu projeto, nem conhecia o dia da chegada. Uma chegada, de qualquer maneira, sempre provisória, porque aberta a um infinito adiamento no tempo.

Possuía a habilidade e a docilidade de considerar o projeto iniciado como algo vivo, que está amadurecendo, que pode ser melhorado e até sujeito a mudanças de curso. Não estava ligado aprioristicamente a um esquema, mas estava à procura da modalidade concreta para alcançar a meta que lhe fora apontada do alto.

E aqui não será inútil um parêntese. Para compreender D. Bosco Fundador devemos seguir todo o percurso de busca nas circunstâncias concretas do seu tempo, mas devemos chegar também com ele à meta concreta alcançada. Nos homens penetrados pelo Espírito de Deus o amadurecimento da vida tem uma importância decisiva. Também considerando as doenças dos últimos anos, não podemos simplesmente procurar exorcismos de possíveis inconvenientes psicossomáticos: é necessário lembrar também as leis próprias do crescimento espiritual. Os componentes, de fato, dizem que quanto mais o homem se aproxima do seu fim mortal, tanto mais aumenta nele a intensidade mística, quase como uma aceleração de um corpo que cai pela gravidade sobre a terra.

Dom Bosco, guiado por uma excepcional constância e sem recriminações, deixou-se guiar pela Provi-

dência, não fechando ulteriores horizontes aos seus discípulos.

O Concílio Ecumênico Vaticano II, antes mesmo de falar da tarefa dos Fundadores, lembra a indispensabilidade de um discernimento adequado sobre a sua obra, autenticada pela autoridade da Igreja. O capítulo VI da "Lumen Gentium" preocupa-se antes de tudo em falar desta responsabilidade em discernir, interpretar e regulamentar a prática dos conselhos evangélicos, como tarefa específica dos Pastores, sob a orientação do Espírito Santo (cf. LG 43; também LG 12, e CJC cân. 576).

Existe portanto sempre, na genuinidade eclesial dos Fundadores, também se com modalidades diferentes através dos séculos, uma convergência de ao menos dois dinamismos complementares: os impulsos do Espírito Santo em "Homens e Mulheres eminentes" (LG 45), e o discernimento e a autenticação da autoridade da Igreja. Afirmou-se corretamente: "A comunidade orgânica da Igreja não é exclusivamente "espiritual". Isto é, nascido como for, do Espírito Santo e assim anterior às ações eclesiais e criadora das mesmas, mas é simultaneamente "hierárquica", enquanto derivada por impulso vital de Cristo-Cabeça. Os meus dons, infundidos pelo Espírito, são exatamente desejados por Cristo e por sua natureza dirigidos ao bem do Corpo, para vivificar sua estrutura e suas atividades. Com razão o apóstolo Paulo muitas vezes afirmou em íntima e vital convergência as exortações "em Cristo" e "no Espírito" (MR 5).

Portanto: ao menos dois dinamismos convergentes: ambos indispensáveis, com diferentes tarefas, mas com objetiva influência sobre o patrimônio a ser deixado em herança.

Quanto tenha influenciado sobre Dom Bosco o discernimento e a contribuição dos Pastores, particularmente do Papa, e que importância tenha tido a aprovação da Sé Apostólica (também se de acordo com os cânones da legislação eclesiástica da época (cf. "Comentário às Constituições" SDB, p. 13-15), é um argumento particularmente importante e delicado, que não faz parte direta desta relação.

Aqui entendemos nos referir ao patrimônio espiritual de Dom Bosco, que vivemos nós hoje, como fruto daquela dupla convergência que é ao mesmo tempo impulso do Espírito Santo em Dom Bosco e aprovação qualificada da sagrada Hierarquia, seja antes bem como depois do Concílio Vaticano II. Assim o seu patrimônio tornou-se e é "um bem especial para o inteiro Povo de Deus" (cf. Constituições SDB 192).

5. Seu significado eclesial

Para refletir sobre o significado eclesial de Dom Bosco Fundador *no hoje* do Povo de Deus, penso seja útil começar por alguns requisitos que o apontam iniciador e modelo do tipo de vida evangélica característico da sua Família Salesiana.

Consideramos como requisitos a serem analisados os seguintes: a inspiração do alto, a original experiência de um tipo de santidade, a fisionomia do espírito próprio, a fecundidade de iniciador de uma escola de vida, a peculiar missão, a criteriologia pastoral e a pluralidade de formas de participação.

Evidentemente não é possível, aqui, desenvolver profundamente os conteúdos. Penso seja porém suficientemente útil apresentar brevemente o significado.

5.1. A inspiração do alto

É este um traço "profético" que caracteriza todo Fundador, suscita o e guiado pelo Espírito do Senhor para dar início e orientar uma novidade carismática na Igreja. Dom Bosco procurou num primeiro momento endereçar as inspirações recebidas na busca concreta de pertença a instituições eclesiais já existentes (por exemplo, com os Rosminianos — MB 3.250), mas teve que se convencer que o plano de Deus era diferente. Através de mediações (visões, "sonhos", palavra interior), que consistiram também em conselhos de pessoas (desde S. José Cafasso até ao ministro anticlerical Rattazzi), no discernimento e crédito de autenticidade da autoridade da Igreja e na percepção sempre mais viva e real da conjuntura social e eclesial em que se encontravam a juventude e o Povo, amadureceu aos poucos e com sempre maior clareza a sua específica responsabilidade de Fundador. Ele mesmo dirá: "Como aconteceram as coisas, eu apenas saberia dizê-lo. Isto eu sei, que Deus o queria" (MB 12.78). Eis porque "eu sempre fui adiante e este foi o único intuito pelo qual até agora trabalhei. Este é o motivo pelo qual nas adversidades, nas perseguições, entre os maiores obstáculos nunca me deixei amedrontar e o Senhor sempre esteve conosco" (MB 7.664).

Não é fácil encontrar um Fundador que tenha tido a clara consciência deste seu especial papel quanto a teve Dom Bosco.

Portanto: um primeiro significado eclesial de Dom Bosco Fundador é o seu aspecto de "palavra pronunciada por Deus" para toda a Igreja (cf. uma minha conferência datilografada "O carisma de Dom Bosco" feita ao CG 16 às FMA, 20 de abril de 1975).

5.2. *A original experiência de um tipo de santidade*

Dom Bosco como Fundador testemunha e transmite um tipo peculiar de seguimento de Cristo como projeto de vida a ser deixado a tantos discípulos. A sua essência consiste numa “nova síntese orgânica” dos elementos constitutivos do crescimento batismal. É preciso olhar à sua experiência de Espírito Santo como um ponto especial de referência: “um estilo particular de santificação e de apostolado, que estabelece uma determinada tradição, de maneira tal que podem ser convenientemente individualizados os elementos objetivos” (MR 11).

Trata-se de uma experiência peculiar, vivida e consolidada. Aqui com a palavra “experiência” (além dos diferentes significados que assume na cultura atual) quer-se indicar uma maneira de percepção vital e um modo típico de se relacionar com o mistério de Deus na própria vida, a não ser confundido com a metodologia “experimental” dos laboratórios científicos.

Como escreveu um pesquisador deste tema: “O estudo dos Fundadores não é algo tão fácil também se temos à nossa disposição vários métodos científicos de pesquisa, porque os Fundadores são arredios a qualquer exolicação unicamente histórica, sociológica e psicológica. Quando nos aproximamos deles, batemos contra algo que nos escapa; e também quando acreditamos conhecê-los bem, toda vez que os estudamos, descobrimos algo novo. Como explicar este mistério, esta riqueza inesgotável? Simplesmente com o fato que encontrando-nos com um Fundador nos encontramos com o mistério de Deus: no Fundador e por meio dele é Deus quem age” (Thadée Grzeszyk, e.c. “Il Carisma dei Fondatori”

Coleção “Sanctitas in caritate” Roma 1974, p. 11).

Este aspecto comporta a transformação do Fundador em “Modelo” ao qual olhar para o seguimento de Cristo (cf. 1Cor 11,1) e o motivo é exatamente a transcendência da sua específica experiência espiritual, que manifesta concretamente uma peculiar inspiração e iniciativa de Deus. Com razão os Fundadores foram qualificados como “homens do Espírito” (cf. o estudo de Fábja Viardi, OMI, “I Fondatori uomini dello Spirito — per una teologia del carisma di Fondatore” Città Nuova, Roma 1982).

Assim com os Fundadores, a Igreja se enriquece com uma variada abundância de dons para que “apareça como uma esposa enfeitada para o seu esposo e por meio dela se manifeste a multiforme sabedoria de Deus” (PC 1).

5.3. *A fisionomia do espírito próprio*

O espírito dos Fundadores é uma original modalidade de viver o Evangelho que apresenta a rica e multiforme possibilidade de interpretar vitalmente o mistério do Cristo.

Distingue-se daquilo que se costuma chamar “espiritualidade”. Sem dúvida: as duas palavras “espírito” e “espiritualidade” são parecidas, e muitas vezes são usadas indiferentemente para indicar a mesma realidade. Mas para nós aqui é necessário distingui-las. Com “*Espírito dos fundadores*” entendemos aquela síntese global e vivida que interpreta um estilo de “vida no Espírito Santo”, ou seja, um estilo de contemplação, de conduta e de ação, que constitui a alma da identidade de um tipo original

de seguimento do Cristo. Não é propriamente um pequeno tratado de doutrina sobre os elementos próprios de um estado de vida ou de um ministério ou de um serviço. Trata-se, no entanto, de um estilo de testemunho de vida, aplicável a diferentes estados e ministérios, também em pessoas simples não acostumadas com a preocupação intelectual de analisar a vida. É uma atitude "existencial" que apresenta uma fisionomia própria à maneira de viver e de agir e que qualifica cada um dos Institutos ou Famílias e os diferencia entre si na Igreja.

Por "*Espiritualidade*", no entanto, entendemos o aprofundamento e a análise doutrinal que procura determinar as componentes espirituais de um específico estado de vida, de um ministério, de um serviço ou de uma tarefa. É um esforço de reflexão para determinar a "essência" espiritual dos conteúdos presentes numa realidade, por exemplo na vida conjugal ou na vida consagrada, no ministério sacerdotal ou nos vários serviços ou tarefas (cf. E. Viganó: "Il carattere ecclesiale della spiritualità religiosa apostolica", Número especial do Bollettino UISG, n. 62, p. 37-38, Roma 1983).

Nós aqui falamos do "espírito de Dom Bosco" como síntese existencial e como fisionomia evangélica da vida nas relações com Deus e com o próximo. É uma energia vital da caridade pastoral que une harmonicamente não só os vários temperamentos doutos e dons pessoais, mas também as espiritualidades de diferentes compromissos, como: a consagração na vida religiosa ou no mundo, a condição conjugal, celibatária ou de determinadas tarefas eclesiais e sociais. De fato, na Família Salesiana vive-se o mesmo 'espírito' numa pluralidade de condições de vida" (cf. "La

Famiglia Salesiana di Don Bosco" — aos cuidados de Joseph Aubry, LDC, Torino 1986, p. 65-66).

É preciso afirmar que Dom Bosco, como Fundador, preocupou-se explicitamente de infundir nos seus (religiosos, religiosas, fiéis leigos) um "espírito característico", que constitui a alma do seu patrimônio a ser transmitido.

Para descrever a tipologia e captar os aspectos característicos foram realizados, nas décadas depois do Concílio, importantes Capítulos Gerais e Assembléias mundiais que esclareceram os traços da identidade, autenticados depois pela aprovação da Sé Apostólica.

O "espírito salesiano", assim descrito sobretudo no bonito capítulo das Constituições dos SDB (arts. 10-21), possui um particular significado eclesial porque apresenta uma original leitura evangélica em feliz sintonia com a renovada visão apontada pelo Concílio Ecuménico Vaticano II. (Seria interessante — e talvez seria desejável e frutuoso, também se não é fácil, para os vários grupos que se inspiram a Dom Bosco — poder reunir os traços fisionômicos nalguns artigos comuns a todos, juntamente com alguns outros aspectos especialmente da missão, como uma "carteira de identidade espiritual" de toda a Família Salesiana de Dom Bosco).

A identidade deste "espírito" parece-me se baseia sobre duas colunas entre si complementares: *Uma modalidade de íntima união com Deus* contemplado como fonte inesgotável de bondade misericordiosa (Pai), de iniciativa redentora (Filho), de poder transformador dos corações (Espírito Santo). Modalidade que deve ser percebida nos simples particulares com que, como sabemos de sua vida, Dom Bosco soube entrelaçar o seu habitual encontro com a Trindade.

Portanto uma maneira original de união com Deus que faz dele, como Fundador, uma espécie de “patriarca” de uma especial aliança com Deus. Ele, de fato testemunha e comunica aos seus uma prática peculiar das “virtudes da aliança”, ou seja da fé, da esperança e da caridade hauridas do mistério trinitário contemplado seguindo a sua inserção na história do homem;

— e, em segundo lugar, *um conjunto harmonioso de atitudes marcadas por uma “ativa caridade pastoral”*, que impulsiona a uma vida de criatividade apostólica, marca o sentido vivo da Igreja, de zelo missionário, de adesão ao cotidiano, de flexibilidade e atenção às urgências dos tempos.

5.4. *A fecundidade de Iniciador de uma escola de vida*

O espírito de Dom Bosco Fundador caracteriza-se por um dinamismo gerador de posteridade espiritual. Ele fora enriquecido com dons especiais que fizeram da sua existência um centro fecundo de atração e de irradiação. A sua experiência espiritual foi suscitada e guiada do alto para ser transmitida e desenvolvida por tantos discípulos na Igreja.

O seu fascínio espiritual de Fundador o fez um portador de futuro, um Iniciador de escola com uma própria forma de santificação e de apostolado: dou-lhe uma “paternidade espiritual” que vem de Deus (cf. Ef 3,15) e que o torna guia experimentado para os seus. Ficando com ele e olhando para ele aproximamo-nos com certeza de Deus. Dela pode-se repetir o que escrevia o Apóstolo: “sejam meus imitadores como eu o sou de Cristo” (1 Cor 11,1).

Não se trata de um perigoso culto da personalidade, no sentido ideológico da expressão. Devemos

falar, no entanto, de uma mediação providencial desejada pelo Espírito de Deus por causa das especiais necessidades dos novos tempos: serve para facilitar a muitos o seu processo de santificação e ajuda a resolver com rapidez determinados problemas que aparecem.

Esta paternidade espiritual nos faz descobrir nele uma forte personalidade cristã cuja modalidade de santidade foi suscitada pelo Espírito Santo para ser partilhada por muitos outros: não é uma santidade isolada, mas aquela de um verdadeiro Iniciador de escola. Não é que a sua santidade seja, em si, um produto novo, mas existe nele uma convergência orgânica de elementos, de fatos contingentes, de indicações e sugestões de outros, de revisões e de contribuições constantes da vida, que na sua mente dócil, equilibrada e prática aos poucos foram elaborando uma “índole própria”, testemunhada com humilde e perspicaz constância, que se torna uma herança viva. Tudo isto supõe nele a presença de uma especial criatividade “mística”, que o tornou pai espiritual de muitos.

Pode-se aplicar a ele com exatidão o que foi escrito de Montmorand: “Os verdadeiros místicos são pessoas práticas e ativas, não de raciocínios e de teorias. Possuem o sentido da organização, o dom de mandar e revelam-se providos com ótimos dons para os negócios. As obras por eles fundadas são válidas e duradouras; em idealizar e dirigir as suas empresas dão provas de prudência e de coragem e daquela justa idéia das possibilidades que é o caráter do bom senso. E de fato parece mesmo que o bom senso seja a sua qualidade mais dominante: um bom senso não perturbado nem por exaltações lânguidas, nem por imaginações desordenadas, e unido a uma rara faculdade de

discernimento" (Citado por E. Cério, em *Dom Bosco com Deus*, ed. SDB, Roma 1988, p. 299-300. Seria bom reler todo o cap. 18: "Dom de oração"). Sobre isso, também o exemplo de Sta. Teresa reformadora ensina do Carmelo.

A experimentação desta sua paternidade espiritual é aquela "Escola de santidade" que deixou em herança à sua Família e que já enumera um número não pequeno de servos de Deus, bem-aventurados, de canonizados e de religiosos/as exemplares, sacerdotes, missionários/as e fiéis leigos (cf. ACG, SDB n. 319, outubro-dezembro 1986, carta circular do Reitor-Mor, p. 9-13). A sua experiência de Espírito Santo consta, podemos dizer, de um duplo elemento. Aquele estritamente "pessoal", não transmissível, e aquele "permanente", destinado a ser transmitido aos discípulos. Dom Bosco, como indivíduo, teve muitos dons incommunicáveis por causa da sua missão pessoal. Trata-se de elementos privilegiados. Não é sempre fácil distinguir os dois aspectos. Estou convencido que o nosso Pai levou consigo muitos segredos e um tipo de vida penitente austera e heróica, à imitação do Cafasso, sempre escondendo e nunca comunicando aos seus.

Em todo caso é também verdade que não seria suficiente a santidade pessoal de Dom Bosco para fazer dele o nosso Fundador. O que aqui é importante sublinhar é que a sua peculiar experiência espiritual foi por ele cuidadosamente transmitida numa espécie de "escola evangélica nova" aos seus discípulos. São Bento Labre é santo, mas não tem discípulos, não é fundador, como não o foi o próprio Cafasso que foi mestre do nosso Fundador.

Os primeiros discípulos de Dom Bosco foram garotos e garotas for-

mados nesta sua escola. E para compreender profundamente a sua tarefa de Fundador devemos olhar também aos seus primeiros e mais significativos "filhos e filhas" que, com outras pessoas sábias, constituem uma espécie de constelação de colaboradores na fundação. Entre estes ocupam um lugar eminente (em níveis diferenciados) o Papa Pio IX (como já dissemos), os primeiros seus jovens consagrados (como o Pe. Miguel Rua, Dom Cagliero e outros), Sta. Maria Domingas Mazzarello, o Pe. Pestarino, etc. (cf. E. Viganó, "*Redescobrir o espírito de Mornese*", ACS n. 301, julho-setembro 1981, p. 20-22 e 29-33). E isso não só quando ele estava vivo, mas também na primeira hora de fiel transmissão e desenvolvimento.

Pensemos ao que disse o Papa Paulo VI do seu vicário e primeiro sucessor Pe. Miguel Rua, na homilia da sua beatificação: ele "fez do exemplo de Dom Bosco uma escola, de sua obra uma instituição ampla, pode-se dizer, sobre toda a terra; da sua vida uma história, da sua regra um espírito, da sua santidade um tipo, um modelo; fez da fonte, uma correnteza, um rio" (Osservatore Romano, 30-31 de outubro de 1972).

5.5. A peculiar missão

A típica santidade de um Fundador de vida ativa se traduz concretamente numa missão específica, qual viva participação na tarefa evangelizadora da Igreja.

Dom Bosco foi guiado pelo alto na realização de uma peculiar pastoral juvenil e popular. Ela situa-se na área da cultura como trabalho educativo. A caridade pastoral do seu coração caracteriza-se por uma escolha preferencial da juventude necessitada unida a uma preocupação evangelizadora das

classes populares. Dirige-se preferencialmente a determinados destinatários, mas não se caracteriza somente iniciando por eles, mas também pela peculiar modalidade com que é atuada, pela particular organização dos seus conteúdos e objetivos e pelo estilo da sua presença de bondade, de diálogo e de amizade (cf. Atos CG 21, SDB, n. 80).

Deve-se observar que a missão dá a tonalidade a todo o patrimônio espiritual de Dom Bosco, influenciando portanto fortemente sobre o seu significado eclesial. A realização da missão exige sensibilidade em relação às culturas, às conjunturas históricas, às situações sociais, aos compromissos concretos da Igreja local, ou seja, está estritamente ligada ao movimento da história. Dela provém, portanto, um contínuo desafio de atualidade e de criatividade, que impõe um contínuo esforço de revisão, de programação e de imaginação, enquanto dá continuamente juventude e atualidade ao seu patrimônio espiritual.

Hoje, numa Igreja comprometida em repensar toda a pastoral, é esta uma das notas mais exigentes do significado eclesial e da perspectiva de futuro do tipo da santidade de um Fundador.

"*Iuvenum Patris*", lembra a todos os sacerdotes que "no cuidado pastoral seja dada uma atenção prioritária à juventude: os jovens voltam a ter o cuidado principal dos sacerdotes! Está em jogo o futuro da Igreja e da sociedade" (IP, 20).

5.6. *A criteriologia pedagógico-pastoral*

Dom Bosco Fundador é um verdadeiro Mestre e Modelo porque soube encarnar a caridade pastoral numa eficaz ação educativa. Na

carta que acabei de citar o Papa afirma que é reconfortável considerar nele "sobretudo o fato que ele realiza a sua santidade pessoal mediante o empenho educativo, vivido com zelo e coração apostólico, e que sabe propor, ao mesmo tempo, a santidade como meta concreta da sua pedagogia. Precisamente tal intercâmbio entre "educação" e "santidade" é o aspecto característico da sua figura" (IP 5).

Ou seja, "Dom Bosco não é simplesmente um Santo que foi também educador; mas o é enquanto fundador de uma escola de santidade através da educação. A sua espiritualidade, a sua operosidade e a sua metodologia testemunham uma peculiar originalidade educativa. (E. Viganó em "*Dom Bosco, atualidade de um magistério pedagógico*", las, Roma 1987, p. 12).

Segundo esta consideração aparece como aspecto particular do significado eclesial de Dom Bosco Fundador o de ter deixado em herança aos seus uma criteriologia pedagógico-pastoral, por ele definida "*Sistema Preventivo*", que o aponta a todos como grande "Mestre para a educação".

A carta "*Iuvenum Patris*" constitui um autorizado comentário a esse título: explicita a "mensagem profética" analisando na perspectiva da atualidade o famoso tríplice "razão, religião, amabilidade".

Esta criteriologia pedagógico-pastoral "não está confinada ao passado. Sem dúvida, a mensagem pedagógica de Dom Bosco exige que seja ainda aprofundada, adaptada, renovada com inteligência e coragem, precisamente em razão dos mudados contextos sócio-culturais, eclesiais e pastorais. Todavia, o essencial do seu ensinamento permanece, as peculiaridades do seu espírito, as intuições, o seu estilo, o seu carisma não perdem valor,

porque inspirados na transcendente pedagogia de Deus" (IP 13). Eis a razão pela qual esta sua criteriolgia responde profeticamente aos urgentes desafios de educação cristã hoje.

5.7. *A pluralidade de formas de participação*

O que dissemos sobre o "espírito" está na base da admirável pluralidade de formas de participação ao patrimônio evangélico de Dom Bosco Fundador na sua Família. Conhecemos (e as percebemos representadas também aqui) as múltiplas formas de participação, enquanto podemos hipotizar também outras possíveis. Na minha carta circular sobre a "Família Salesiana" (cf. ACS n. 304, abril-junho de 1982) procurei aprofundar o aspecto doutrinal, individualizando na caridade pastoral do "*Da Mihi Animas*" a energia unificadora desta pluralidade.

Não se trata só da participação operativa numa mesma missão, mas de uma verdadeira comunhão de interioridade espiritual que faz viver o Evangelho segundo a índole própria testemunhada por Dom Bosco. Exige, portanto, uma especial sintonia de vida no Espírito Santo, como estilo de pensamento, de atitudes, de preferências apostólicas e de prioridade de compromissos. Isto cria um certo parentesco carismático que nos torna mais estritamente "familiares" uns aos outros, entre nós, no Povo de Deus.

O significado eclesial desta pluralidade de formas manifesta-se seja em determinadas formas afins (de vida religiosa) ricas, cada uma a seu modo, de uma particular originalidade que realça alguns aspectos menos explícitos no patrimônio comum, seja em modalidades novas como aquela da "secularidade con-

sagrada", seja na importância dada pela eclesiologia conciliar no envolvimento dos fiéis leigos, também se em níveis diferentes (Cooperadores, Ex-alunos, Colaboradores).

É uma pluralidade de formas que assegura uma vida atualidade à Família, aplicando exatamente aquela tarefa de aprofundamento e de constante desenvolvimento do carisma "em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento" (MR 11). Assim cada um dos grupos testemunha, de maneira diversificada e convergente, aquilo que os documentos do Magistério (Concílio Vaticano II e intervenções posteriores) chamam "espírito do Fundador", "inspiração primitiva", "finalidades peculiares", "índole própria", "estilo particular de santificação e de apostolado".

6. Seu significado social

Depois desta visão rápida sobre "o significado eclesial", passemos àquele "social".

Para fazê-lo podemos concentrar a atenção sobre alguns aspectos característicos da herança deixada por Dom Bosco aos seus, como a especial sensibilidade da realidade humana no seu dever: a sensibilidade aos sinais dos tempos, a atenção à dimensão histórica, a escolha educativa, a preocupação pela cultura popular, a intuição da laicidade, a política do Pater noster, o horizonte de internacionalidade e universalidade.

6.1. *A sensibilidade aos sinais dos tempos*

Nos Fundadores costuma-se encontrar uma particular sensibilidade às conjunturas dos tempos.

Em Dom Bosco isto está presente sem dúvida com uma intensidade

muito viva, numa hora que preanunciava a aurora de uma mudança de época. Ele soube pensar criativamente a sua ação correta como resposta aos desafios sociais próximos. Apesar de ter sido formado no modelo aprendido no seminário e no colégio eclesiástico, a sua caridade pastoral levava-o a transcendê-lo, sendo sensível e versátil em captar os questionamentos das conjunturas. Não seguia uma fórmula pré-estabelecida, mas adaptava-se às circunstâncias, fortemente alicerçado nos grandes princípios evangélicos. Desenvolveu as suas iniciativas pastorais contemplando as situações sociais e procurando responder aos seus apelos.

É este um aspecto de particular significado social. Também João Paulo II, na carta "Juvenum Patris", afirma que ele é atual exatamente por este motivo: porque "ele ensina a integrar os valores permanentes da Tradição com as 'novas soluções', para enfrentar de maneira criativa as instâncias e os problemas emergentes: neste nosso tempo difícil ele continua a ser mestre, propondo uma 'nova educação' que ao mesmo tempo é criativa e fiel" (IP 13).

Quando Dom Bosco escreveu o primeiro texto (1858) das Constituições para os seus discípulos, afirmou explicitamente no Proêmio que "da boa ou da má educação da juventude depende um bom ou triste futuro para a sociedade" (F. Motto, "Testo critico delle Costituzione della Società di S. Francesco di Sales", LAS, Roma 1982, p. 58).

Trabalhou para a renovação da sociedade, convencido que a ambiguidade, que sempre acompanha os sinais dos tempos, não pode ajudar positivamente a sociedade na direção de uma maior dignidade humana sem a presença de fermento do Evangelho de Cristo. As conquistas

da "razão" necessitam historicamente do fermento da "fé".

Ele deixou em herança aos seus esta importante atitude que deveria torná-los sempre protagonistas valentes e atuais nos problemas juvenis da sociedade.

6.2 A atenção à dimensão histórica

Uma das características da modernidade é a renovada sensibilidade da dimensão histórica, que ama privilegiar nos estudos, nas análises e nos critérios de orientação o primado da realidade dos fatos.

Portanto: apesar do clima formativo de tipo essencialista, em que fora educado, Dom Bosco cultivou sempre uma pessoal predileção pelos conhecimentos históricos. Leu muito e escreveu várias obras — para o povo e para os jovens — de história civil, de história sagrada, de história eclesiástica e de hagiografia. Sentia que o Cristianismo, mais que uma "religião" que parte da iniciativa do homem, é uma "história de salvação" que comporta a iniciativa de Deus, que se manifesta na criação e se torna presente na história assumindo nossa humanidade, realizando acontecimentos e fatos e mandando o Espírito Santo em tantos "*Kairoi*" do tempo. É portanto nas pessoas e nos acontecimentos dos séculos que convém procurar as intervenções de Deus. Dom Bosco não sentia-se inclinado para as ideologias; e hoje, enquanto assistimos ao seu ocaso, admiramos mais o seu realismo de fé. A sua dimensão mística tem um tecido histórico.

Na leitura dos acontecimentos eclesiais e na análise das situações concretas, deixava-se guiar pela luz que lhe vinha do seu ministério eclesial e do seu quotidiano diálogo

go com Deus. Não julgava “iluministicamente”, com esquemas preconceituosos também se da moda, mas sempre “pastoralmente” em conformidade com a realidade dos fatos. Na história sabia perceber a presença e a ação da Providência e estava convencido da contínua ajuda maternal de Maria, de maneira particular na sua vida.

Por isso os seus projetos em favor das necessidades da juventude pobre e das classes populares tinham sempre uma grande flexibilidade, que o levava a desenvolvê-los com audácia maior do que suas pobres forças.

Não era um “historiador” de profissão, possuía sim uma estrutura mental, que poderíamos chamar bíblica (como aquela de Maria no “Magnificat”), porque procurava Deus na história, olhava para a evolução dos povos e da Igreja, enfrentava e discernia as situações de fato com uma atenta inteligência guiada pela luz superior da fé.

É esta uma qualidade particularmente significativa hoje, quando muitos analisam os fatos afastando metodologicamente a fé, não se interessando pela presença real do Espírito Santo e do seu poder, substituindo-a talvez com elementos culturais, de maneira explícita ou tácita.

6.3. *A escolha educativa*

Como já acenei repetidamente, o trabalho pastoral de Dom Bosco com a Obra dos Oratórios (que está na origem de seu esforço de Fundador) constitui também uma clara escolha em favor da sociedade. Esta ação o inseriu naquela área fundamental da cultura humana que se dedica ao cuidado e amadurecimento pessoal e social dos jovens através de um vasto com-

promisso educativo. Assim quis que os seus se habilitassem para intervir validamente neste específico campo da promoção humana.

Procurou os jovens pobres e das classes populares, que a sociedade a ele contemporânea, além das louváveis iniciativas e das boas intenções, costumava esquecer em seus anseios de progresso. Foi à procura deles com uma metodologia pedagógica de presença, de bondade e de amizade que se caracterizava por uma preventividade rica, como afirma João Paulo II, de “profundas intuições, precisas opções e critérios metodológicos tais como: a arte de educar de modo positivo, propondo o bem em experiências adequadas e empenhativas, capazes de atrair pela sua nobreza e beleza; a arte de fazer crescer os jovens ‘a partir de dentro’, fazendo apelo à liberdade interior, contrastando os condicionamentos e os formalismos exteriores; a arte de conquistar o coração dos jovens, para os estimular, com alegria e satisfação, para o bem, corrigindo os desvios e preparando os jovens para o futuro, por meio de uma sólida formação do caráter” (IP 8).

Preocupou-se em formá-los “honestos cidadãos”; interessou-se em introduzi-los no mundo do trabalho; seguiu-os, nos limites do possível, também depois dos anos desta sua promoção, seja durante o serviço militar, seja nos seus definitivos compromissos sociais. Colocou numerosos e bons Ex-alunos nos vários setores da sociedade. Também no aspecto simplesmente humano, como cidadão do seu tempo, foi, de fato, um dos homens do Ressurgimento que mais positivamente influenciou sobre uma sociedade em rápida mudança. Alguém também afirmou que enquanto os políticos procuravam levantar uma nova pátria, ele educava validamente um grande número de cidadãos.

A escolha educativa em favor da juventude dá à figura de Dom Bosco Fundador a sua tonalidade concreta e específica a sua contribuição cultural.

6.4. *A preocupação pela cultura popular*

Um aspecto do significado social de Dom Bosco Fundador é a sua dedicação, criatividade corajosa e aberta também se revestida de simplicidade, voltada para elevar o nível cultural das "classes populares", privilegiando os aspectos da sabedoria religiosa, que constitui um verdadeiro fermento animador da sua cultura.

Graças à sua origem popular e camponesa e sua orientação no ministério, tinha do "povo" um conceito não político, e muito menos ideológico (como às vezes é apresentado hoje), mas uma visão de simpatia natural ("rico das virtudes do seu povo" — cf. Constituições DB, 21) quando se aproximava de tantas pessoas simples, dotadas de laboriosidade, de bom senso, de solidariedade, comprometidas nas dificuldades da existência, e talvez pouco atentas aos sinais dos tempos e fáceis de serem enganadas. Os seus jovens pertenciam a estas classes e corriam o risco de perder os valores mais importantes de uma cultura popular amadurecida através dos séculos. Dedicou-se a este setor com meios variados, sobretudo com aqueles da comunicação social da época, especialmente a imprensa, o teatro, a música, etc. No interessante discurso feito na Universidade de Turim, João Paulo II sublinhou este aspecto: "apesar da sua incrível e vasta atividade, soube cultivar em si uma sólida preparação cultural, unida a qualidades positivas de escritor, que lhe permitiu realizar um notável apos-

tolado. Ele sentiu fortíssimo o impulso para elaborar uma cultura que não fosse privilégio de poucos, ou uma abstração da realidade social em evolução. Por isto foi incentivador de uma sólida cultura popular, formadora de consciências civis e profissionais de cidadãos comprometidos na sociedade" (Osservatore Romano, 5 de setembro de 1988).

A missão dele e da sua Família espiritual insere-se, portanto, no contexto vivo da sociedade civil, através de uma vasta e diversificada obra de promoção cultural.

6.5. *A intuição da "laicidade"*

A escolha da ação entre os jovens necessitados e as classes populares, feita por Dom Bosco, lhe fez experimentar a necessidade de inserir sempre a comunicação do Evangelho num concreto crescimento humano. "Consegue assim estabelecer uma síntese entre atividade evangelizadora e atividade educativa. Situa-se no interior do processo de formação humana, cónscio das deficiências, mas também otimista a respeito da maturação progressiva" (IP 15).

E a atenção aos valores humanos a serem promovidos levou-o a apreciar sua importância sem que nunca enfraquecesse nele a preocupação de protegê-los contra os não-valores e as sugestões do mal. Numa genuína visão cristã do mundo — assegura-nos o Concílio — a realidade objetiva dos elementos constitutivos do homem e das coisas foi desejada pelo Pai Criador com uma própria bondade e finalidade (cf. AA 5 e 7). E a ação redentora de Cristo, como também a presença transformadora do Espírito, inserem-se vitalmente na criação e na história.

Sem querer fazer dele um antecipador do Concílio Vaticano II, podemos afirmar que esta visão de fé oferece à inteligência a capacidade de descobrir e avaliar a verdadeira "laicidade" da ordem temporal, sem a manipulação das ideologias e sem as distorções do laicismo.

O tema de uma genuína laicidade não é estranha ao mistério cristão, aliás é o caminho correto que é preciso percorrer, convencidos da intrínseca continuidade que existe entre "criação" e "redenção". Hoje é um tema de atualidade e pode-se já proclamar que sem a inteligência do Evangelho deturpa-se muito facilmente a mesma laicidade.

Ora, se existe uma porção da humanidade que precisa ver considerada e promovida a autêntica dimensão "leiga" das coisas e dos valores criados, é exatamente a juventude, sobretudo pobre e necessitada. Como se poderia fazer crescer neles a plenitude do Cristo se não sabem o que é o mundo e quais são nele as tarefas do homem? O Papa João Paulo II (especialmente na encíclica "*Redemptor hominis*") repete constantemente a afirmação conciliar que o Verbo feito carne veio revelar ao homem o mistério total do homem.

Dom Bosco, portanto, foi empurrado pela realidade a ter um sentido profundo dos valores criados e humanos; assim aprendeu a dialogar também com quem olhava à condição juvenil somente de um ponto de vista secular; e se interessou muito concretamente pelas descobertas do progresso humano; considerou muitas invenções da técnica muito úteis para a realização do seu trabalho educativo.

Ele deixou esta atitude de inteligente visão do mundo em herança aos seus.

6.6. A política do "Pater noster"

A intensa atividade educativa no seu trabalho, concretamente aberta à ordem temporal numa visão de eternidade, guiou Dom Bosco a fortalecer uma atitude de grande discernimento e de equilíbrio pedagógico diante das intensas pressões das conjunturas políticas, tão atraentes no Risorgimento.

Ele estava convencido que precisava, por um lado, assegurar a sua missão entre os jovens, e, de outro, que entre os problemas práticos mais prementes existe aquele de educar para saber dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Hoje aprendemos a distinguir melhor entre as exigências sociais de promoção da ordem temporal (ou alta "Política" do bem comum) e os projetos históricos de intervenção em favor de um tipo de governo num País (ou "política" partidária do poder). Na época de Dom Bosco a palavra "política", até 1848, num restaurado clima de aliança entre trono e altar e de uma teologia que a justificava, não tinha praticamente problema. Depois sim: porque a palavra "política" veio indicar sobretudo a ação e os programas de governo, das forças interessadas no poder e na unificação da Itália e dos grupos ligados a planos contingentes de transformação das estruturas existentes; levados também pelos ideais patrióticos, mas, na prática, influenciados por claros preconceitos anti-clericais.

Ele, porém, considerava o significado social do seu trabalho educativo não numa visão fechada por uma prática política contingente, mas numa dimensão específica da sua própria missão, ou seja por uma preocupação ministerial (em

união com o Sucessor de Pedro) e religiosa, também se ela deve se tornar, na prática, fermento de uma laicidade comprometida na re-forma da sociedade.

Depois de cem anos este tema evoluiu muito e a herança deixada neste campo por Dom Bosco Fundador necessita ser desenvolvida e adaptada oportunamente aos ensinamentos do Magistério eclesial: participação corresponsável, solidariedade, justiça, paz, etc., segundo o ensinamento social da Igreja (cf. Egidio Viganó, mimeografado "La vocazione dei SDB e l'impegno per la giustizia nel mondo", Gênova, abril de 1974).

Mas permanece viva e atual, em princípio, a idéia que a sua ação educativa não é um compromisso político partidário, também se deve ser marcada pela dimensão social. Ele testemunhou que a renovação da sociedade não necessita só da prática política, mas também, e mais ainda, de uma forte dimensão cultural.

O homem é, como se afirma, um "animal político", mas nele nem tudo é política; aliás a própria política precisa de outros valores fundamentais, vividos numa cultura genuinamente e integralmente humana. Assim podem ser prestados serviços indispensáveis à sociedade sem que o seu compromisso básico seja o da política; aliás, exatamente na dedicação plena e eficaz nalguns desses serviços torna-se necessário permanecer livre de posições políticas. "A que pode servir a política?" — afirmou um dia Dom Bosco em 1883 — "Com todos os nossos esforços o que poderíamos nós alcançar? Nada mais do que impossibilitar a continuação da nossa obra de caridade" (MB 16, 291). E, de fato, se a sua escolha tivesse sido uma decisão política, o que teria sido da sua missão?

A tarefa "religiosa" da Igreja, afirma o Concílio Vaticano II, "não é de ordem política, econômica e social. No entanto, exatamente desta missão religiosa brotam algumas tarefas, uma luz e forças, que podem contribuir na construção e na consolidação da comunidade dos homens de acordo com a lei divina" (GS 42).

Dom Bosco afirmava jocosamente, mas também inteligentemente, que a sua era "a política do Pater noster", ou seja a construção do Reino de Deus na história (MB 8, 593-594). "Deve haver — dizia — também aqueles que se interessam pelas coisas políticas, mas esta tarefa não é para nós" (MB 16, 291).

O atual artigo 33 das Constituições renovadas dos SDB expressa bem o significado social, desenvolvido na realidade dos tempos, desta importante atitude deixada em herança aos seus por Dom Bosco Fundador.

6.7. *O horizonte de internacionalidade e de universalidade*

O significado social da educação da juventude e das classes populares promovida por Dom Bosco Fundador ultrapassa os limites geográficos e políticos da sua diocese e de seu país. Ele sentiu-se como que investido do alto com uma tarefa juvenil e popular a ser levada a todas as nações, a todas as culturas, por causa da indispensabilidade da presença do Evangelho de Cristo na vida para promover verdadeiramente todo homem, em sua pessoa e em sua condição social. Assim, por exemplo, os grandes sonhos missionários de Dom Bosco (a serem lidos também com a visão crítica da fé) demonstram os horizontes a que olhava com o seu tra-

balho de Fundador. Hoje quem anda pelos cinco continentes e visita neles a impressionante presença da Família Salesiana, deve mesmo repetir com admiração que "o Dom Bosco verdadeiro é maior que o Dom Bosco histórico".

O número e a extensão dos seus discípulos (também se, num primeiro momento, pode parecer somente "quantidade") é de fato a expressão concreta que evidencia uma "qualidade" determinante do seu patrimônio iniciado com verdadeira consciência de internacionalidade e universalidade.

Ele quis que a sua Família estivesse acima de "todo regionalismo". Já o seu sucessor Pe. Rua (que conhecia muito bem as intenções do Fundador) convidava para não entender a "inspetoria" (ou seja a necessária divisão em "provinciais" da Congregação que se expandia) como um "ser fechado em si" e a comunhão mundial como "federação de provinciais" autônomas. "Regionalismo", porém, é também nacionalismo, particularismo, mentalidade fechada, parcialidade ideológica, infiltração de modismos passageiros, classismo, complexos sócio-culturais que atacam a fraternidade e a comunhão" (E. Viganó, "Relazione sulla 'Società di S. Francesco di Sales' nel sessennio 1978-1983", CG22, Editrice SDB, Roma 1983).

A "internacionalidade" não abafa o sentido vivo da própria cultura e da própria pátria, mas une-o e põe-no em relação com as outras realidades acostumando a mente e o coração a conhecer e a apreciar as condições sociais de outros povos, com vistas à promoção da comunhão.

A "universalidade", ainda, é uma dimensão eclesial muito profunda, intimamente unida ao mistério de Cristo que assegura a unidade e a

identidade dos elementos constitutivos e vitais da Igreja, também na variedade das modalidades de manifestá-los nas comunidades particulares. A consciência da universalidade da sua Obra, mais além da própria diocese, provocou-lhe também não pequenos problemas e conflitos (pode ser, por ex., nas MB 11, o cap. 3 sobre a Obra de Maria Auxiliadora para as vocações adultas).

Pensando o seu patrimônio numa dimensão universal, Dom Bosco colocava as bases para aquela unidade na descentralização que foi oportunamente relançada pela eclesiologia do Concílio Vaticano II. Descentralização, porém, não independência, mas imprescindivelmente dirigida ao Sucessor de Pedro e em permanente comunhão com ele, e fortemente ligada ao centro de unidade da Família Salesiana. A sintonia com o Espírito de Deus introduz os santos no mistério vivo da Igreja, além das posições doutrinárias em discussão, quase antecipando a percepção de aspectos de verdade que talvez serão formuladas mais claramente em tempos posteriores. A universalidade do espírito de Dom Bosco sempre se alicerçou sobre a identidade de um mesmo espírito e de uma mesma missão.

O significado social destas duas qualidades complementares — internacionalização e universalidade — está na origem desta rápida e admirável expansão da Obra de Dom Bosco, que o Papa Paulo VI não duvidou em chamar de "fenômeno salesiano" neste último século da história da Igreja.

Portanto se consideramos os vários aspectos, seja do significado eclesial como daquele social de Dom Bosco Fundador no hoje da Família Salesiana, descobrimos mais claramente nele algo de vivo

que transcende a sua mesma personalidade: uma grandeza e fecundidade que nasce do alto e que foi colocada nele para que fosse profeticamente o sinal e o portador a muitos. Com razão podemos afirmar: "Com sentimento de humilde gratidão cremos" que a Família Salesiana de Dom Bosco "não nasceu apenas do projeto humano, mas por iniciativa de Deus. De fato, "O Espírito Santo, com a maternal intervenção de Maria, suscitou S. João Bosco. Formou nele um coração de pai e mestre; para prolongar no tempo a sua missão, guiou-o na criação de várias forças apostólicas. A Igreja reconheceu nisso a ação de Deus" (cf. Constituições SDB, 1).

7. As energias para o desenvolvimento na fidelidade

Após ter tentado apresentar o significado eclesial e social de Dom Bosco Fundador, parece oportuno acrescentar uma rápida indicação de quais podem ser as energias que hoje dão vitalidade ao seu patrimônio espiritual.

Fazemos isso a partir de sua experiência, sentindo-nos envolvidos numa hora privilegiada de renovação qualitativa.

Estou me referindo à releitura feita pelos filhos e pelas filhas do Fundador, e isto há mais de vinte anos, através de estudos, discussões, Capítulo Gerais e Assembléias mundiais, e que já foi testada pela aprovação — pela Sé Apostólica — dos textos fundamentais que reapresentam a identidade.

É um repensar o patrimônio espiritual do Fundador a partir do seu desenvolvimento homogêneo "em sintonia com o Corpo de Cristo em perene crescimento". Alguém disse com razão que o Concílio soltou os freios e limpou tanta poeira

que tinha escondido um pouco o verdadeiro rosto de Dom Bosco, devolvendo-lhe maior dinamismo para lançá-los em direção ao terceiro milênio.

Penso seja, esta, a atitude melhor para perceber a identidade da sua realidade viva. É certamente indispensável conhecer os elementos históricos, pesquisar os documentos e o ambiente cultural e eclesial da época; mas sobre uma realidade viva não se pode fazer simplesmente uma autópsia, nem hoje e nem amanhã.

Aqui procuraremos indicar sinteticamente só alguns aspectos que sublinham simultaneamente a originalidade e a atualidade de Dom Bosco Fundador. Quando falamos de "originalidade" não queremos relacionar a estrutura das obras (como se tivessem sido inventadas assim como são por ele) ou a mentalidade cultural (como se ele tivesse sido uma exceção fora do ambiente), mas nos referimos a algumas energias inerentes à índole própria do seu particular estilo de santificação e de apostolado.

Examinemos as principais, sem pretensão de fazer uma lista completa.

7.1. A graça de unidade do "da mihi animas"

O segredo de Dom Bosco Fundador está, essencialmente, na peculiaridade da sua santidade; ela está toda voltada aos planos de Deus que o quis preparar como testemunha de uma peculiar caridade pastoral. O lema que expressa sinteticamente os conteúdos desta santidade é: "da mihi animas".

Através de uma atenta análise da caridade pastoral salesiana descobri-se a nascente primeira e burbulhante do patrimônio do Fundador.

Investigando o seu coração encontramos nele a morada do Espírito Santo que lhe infunde uma vigorosa "graça de unidade", como rica fonte de experiência mística, de intuições espirituais, de interesse eclesial, de dinamismo criativo.

Nesta "graça de unidade" vive a semente do espírito de Dom Bosco em sua origem, é uma semente de onde tudo nasce; contém a energia divina que mantém unidos de maneira inseparável os dois pólos do amor: Deus e o próximo. A contemplação salesiana do mistério da Trindade leva sempre até às necessidades do homem; e a atenção ao próximo precede e leva continuamente a Deus: porque está sempre envolvida pelo seu amor.

Assim a dimensão contemplativa é por essência uma interioridade apostólica. A oração, a ação e a paixão referem-se juntas e vitalmente aos dois pólos: não existe Deus sem o homem; não existe o homem sem Deus.

Este único movimento da caridade pastoral, vivido na modalidade e no estilo traçado por Dom Bosco, constitui o centro do "espírito salesiano", como síntese vital de participação na original experiência do Fundador. Para a transmissão deste espírito, entre Deus e Dom Bosco estabeleceu-se (como já dissemos) aquela especial aliança que o tornou o "patriarca" da nossa já numerosa Família. Uma aliança consciente e renovada dia após dia. De fato a "graça da unidade" entre interioridade e trabalho provém do alto, supõe constante união com Deus, modela-se sobre o Cristo Bom Pastor, brota só da intimidade com o Seu Espírito é alimentada constantemente por uma consciente vida de fé, de esperança e de caridade em diálogo com a realidade viva do mundo ⁽⁴⁾. (Dois estudos que seria bom lembrar para

aprofundar o tema da interioridade salesiana do nosso Fundador, são "Dom Bosco com Deus" de E. CERIA, reimpresso com prefácio de G. Gozzelino, ed. SDB, Roma 1988; e "Dom Bosco profundamente homem-profundamente santo" de Pedro Brocardo, LAS, Roma 1985, do qual está em prelo uma edição ampliada e novo no título; "Dom Bosco profundamente homem e santo: nós o conhecemos").

7.2. *A plena confiança em Maria e na Igreja*

A dimensão contemplativa que nos foi ensinada por Dom Bosco não leva a abstrações conceituais, mas concentra-se sobre dados concretos de pessoas e de acontecimentos, que constituem a história da salvação. Ele manifestou aqui um dos aspectos característicos da sua personalidade.

A devoção à Virgem Mãe de Deus era fortemente viva no seu ambiente; também a veneração d'Ela como "Auxiliadora" já era praticada nos séculos anteriores.

Incentivador de todos os títulos marianos, ele preocupou-se em perceber e comunicar a presença ativa da pessoa de Maria na história. Ela participa com Cristo da nova vida da ressurreição e prolonga a sua solicitude materna através dos séculos, especialmente nos tempos difíceis. Por isso Dom Bosco nos deixou uma devoção que vê em Maria a Auxiliadora, não propriamente para sublinhar o título, quanto para aprofundar a doutrina da realidade e eficácia da sua maternidade universal.

São sobretudo dois os dados sobre os quais insistiu.

O primeiro é a intervenção de Nossa Senhora em sugerir e guiar a sua vocação de Fundador na

Igreja. Vários “sonhos”, começando com aquele dos nove anos, asseguram-lhe a materna iniciativa. Justamente o Pe. Brocardo fala, referindo-se à sua obra de fundação, de “um trabalho a dois” (cf. o.c., cap. 5, p. 117-124). Em Trofarello, em 1868, ele afirmou que de todas as Famílias espirituais Maria SS. “pode-se dizer a Fundadora e a Mãe, começando do cenáculo até os nossos dias”, mas que ele estava pessoalmente convencido que em relação à nossa “Ela tudo fez”.

O segundo é a solicitude plurissecular de Maria para com a Igreja, da qual Ela é modelo profético. O Concílio Ecumênico Vaticano II desenvolveu profeticamente este aspecto. Portanto: Dom Bosco uniu indissolavelmente a sua devoção mariana ao sentido de Igreja, ao ministério de Pedro, à fé simples do Povo de Deus, às necessidades urgentes da juventude.

O olhar e as atitudes de Dom Bosco para com Maria são fortemente eclesiais, centralizados sobre Cristo que atua nos sacramentos e na administração do Espírito Santo através do Magistério do Papa e dos Pastores.

O ato de entrega à Auxiliadora é uma das fortes razões da nossa vitalidade.

7.3. A qualidade “mística” da ação

O Concílio Vaticano II relançou em profundidade os grandes valores de interioridade da ação apostólica (cf. PC 8; AA, 4; PO, 13 e 14). Dom Bosco incentivou uma interioridade de caridade pastoral que santifica continuamente o trabalho, que constitui para ele quase uma segunda natureza. Foi homem de ação porque sentiu-se envolvido pela “mística” de Deus Salvador, imitando Jesus que “começou a fazer e a ensinar”. “Numa época em

que olhava-se para os religiosos como pessoas preguiçosas, inúteis ao progresso da sociedade, quis a sua instituição fundada sobre a grande lei do trabalho e dizia. não sem humorismo, que o uniforme dos seus religiosos teria sido aquele das “mangas arregaçadas” (P. Brocardo, o.c., p. 91).

É tal nele a união com Cristo Redentor, a contemplação do seu amor para com o homem, o conhecimento das necessidades da salvação dos destinatários da sua missão, que o impulsiona continuamente a sair de si mesmo para se dedicar a Deus nos outros. S. Francisco de Sales, falando do Amor de Deus, distinguirá três tipos de êxtase mística: aquela intelectual, aquela afetiva e aquela operacional. “A primeira é luz, a segunda fervor, a terceira ação; a primeira é feita de admiração, a segunda de devoção, a terceira de obras” (citado do P. Brocardo, o.c., p. 139).

Essa “êxtase da ação” é a mística vivida na Família Salesiana; ela leva continuamente a sair de si para se identificar concretamente, por quanto seja possível, com o compromisso salvífico do Bom Pastor. Também o sofrimento, a paixão, as contrariedades, a inatividade nas doenças entram vitalmente nesta mística, que as eleva a misteriosas mediações apostólicas.

É por esse tipo de interioridade apostólica que a missão ocupa um lugar determinante em todo o seu patrimônio.

7.4. A humildade do “fazer-se amar”

Uma outra energia própria da herança de Dom Bosco Fundador é a equilibrada atitude de bondade traduzida em metodologia cotidiana.

na: "não com pancadas mas com a bondade". O critério da presença, do diálogo, da partilha, da amizade, ele o resume no conselho de "fazer-se amar".

Não é uma coisa fácil nem ligada a condescendências da concupiscência, mas exige aliás um tipo de humildade pedagógica, própria para nos apresentarmos como amável mediação de Deus para os próprios destinatários. O método da ação salesiana não é simplesmente o de amar (coisa evidentemente indispensável), mas a capacidade pedagógica de "fazer-se amar", porque o forte compromisso cultural da educação deve ser uma "obra do coração". O "Sistema Preventivo" comporta exatamente o segredo de fazer-se amar. Este critério metodológico "requer uma ascese muito exigente de maneira que o esvaziamento de si mesmo chega a dar à própria vida uma transparência que a transforme em "exigência sacramental" porque propõe a si mesmos como sinais e portadores do amor de Cristo. É impossível uma santidade sem humildade; mas existe uma humildade alcançada com a prática de particulares virtudes especialmente de tipo social, que torna a existência do discípulo significativa e atraente pois contém o mistério de Cristo e o comunica através da própria vida" (E. Viganó, circular "Estuda de fazer-te amar", ACG 326, julho-setembro de 1988, p. 13).

Os valores desse tipo de humildade adquiriram hoje uma extraordinária atualidade pastoral. É uma característica indispensável para quem encarna a benignidade e a humildade do Bom Pastor, sobretudo com a juventude (Um estudo, que apresenta uma visão documentada, sintética e largamente amadurecida em relação à esta experiência metodológica é a obra de Pietro Braldo: "L'esperienza pe-

dagogica di Don Bosco", sobretudo os capítulos 11, 12, 13 e 14 (ed. LAS, Roma 1988).

7.5. A ascese do "trabalho e temperança"

A palavra "ascese" deriva do verbo grego "*askeo*" que significa exercitar-se ou treinar: uma concreta práxis de vida, observada sistematicamente e que tem como finalidade criar um hábito e uma disponibilidade constante para realizar algumas atividades. Neste sentido é uma prática pré-cristã que pode-se relacionar com o esporte, com o treinamento militar ou com um peculiar tipo de domínio de si. O Cristianismo dá um significado e uma modalidade peculiares a este exercício prático. Podemos dizer que, na nova Aliança, o primeiro asceta é Cristo, e que deve sê-lo, por definição, todo cristão. Não se fundamenta sobre um dualismo de conceitos entre "corpo" e "espírito", mas é — como foi falado — um "estudo deífico", pela prática de virtudes corajosas que renunciavam aos egoísmos do ser carnal de que fala S. Paulo, e oferecem o primado ao bem. É um esforço progressivo e uma purificação constante que incide sobre os costumes para a purificação do coração. Trata-se de uma subordinação dos interesses humanos à fé que se compromete praticamente em traduzir o Evangelho na vida. Assim, não pode-se pensar a uma espécie de "faquirismo", mas a um método espiritual para um melhor serviço a Deus: são práticas não procuradas em si mesmas, mas particularmente úteis e substancialmente indispensáveis.

Com razão, na radicalidade do seguimento de Cristo, "o mosteiro", que reunia alguns generosos fiéis, era chamado também "ascetério",

como lugar de austeridade para assegurar a interioridade dos consagrados.

Na história da espiritualidade encontram-se muitas formas de ascese, com a qual procura-se assegurar a vitalidade da presença de Deus tendo como meta essencial o crescimento da caridade. Todos os Fundadores foram também mestres da ascese; de fato não existe santidade sem uma luta espiritual que transforme a própria conduta do discípulo.

Dom Bosco Fundador é modelo e mestre de uma ascese original, no contexto do seguimento de Cristo. Ele mesmo resumiu o programa da ascese salesiana no lema *"trabalho e temperança"*, ao ponto de afirmar que "o trabalho e a temperança" farão florescer a sua Família, enquanto a procura das comodidades e do bem-estar serão a sua morte (cf. MB 17,272). Não se trata só de "mortificações" indispensáveis, de penitências extraordinárias — ocasionais — ou de "estar pronto para suportar o calor e o frio, a sede e a fome, as fadigas e o desprezo, sempre que se trate da glória de Deus e da salvação das almas" (cf. Constituições SDB, art. 18): tudo isto entra certamente na ascese salesiana.

Mas a peculiaridade desta ascese está no aspecto vital dado à missão, ou seja, no primado daquela caridade pastoral que deve inflamar o coração do educador e colocá-lo generosamente ao serviço dos jovens e das classes populares. Neste sentido a prática ascética, vivificada pela mística da graça de unidade, se traduz numa conduta cotidiana de "trabalho" e de "temperança".

O *trabalho* obtém a mútua penetração de duas energias: o amor de caridade que desce de

Deus e a elevação até Cristo das necessidades da promoção humana, assim que se possa testemunhar que a atividade é uma manifestação da união com Deus. S. Gregório de Nissa, falando do mistério de Cristo, tem esta belíssima expressão: "demonstrou quanto seja natural o sobrenatural e quanto seja sobrenatural o natural".

A *temperança*, depois, é entendida como uma expressão da "realiza" batismal que se dedica em guiar a "custódia do coração" através de múltiplas virtudes práticas — individuais e sociais — que assegurem o domínio de si, e das paixões, o equilíbrio de juízo, as atitudes de bondade e de compreensão, o sentido da pobreza evangélica, uma certa austeridade feita de simplicidade e de espírito de família.

A constância no trabalho e na temperança endereçam pelo caminho daquele "martírio incruento" que Dom Bosco chamava "martírio de caridade e de sacrifício para o bem dos outros": se alguém sucumbe e morre pelas almas — dizia —, então a nossa Família alcança um grande triunfo e sobre ela descerão copiosas as bênçãos do céu.

7.6. O cuidado com a identidade

Na realização da missão salesiana Dom Bosco procurou infundir o mesmo "espírito" a muitas forças apostólicas; assim no projeto da sua Família quis unir em comunidade vários grupos diferenciados como já sublinhamos: alguns com vida religiosa de comunidade e, outros, de acordo com as situações normais de vida no mundo. Visou, porém, a identidade do espírito.

Esta preocupação de envolver muitas forças representa hoje um

aspecto de atualidade em plena sintonia com a eclesiologia conciliar.

A identidade do espírito vê em Dom Bosco um grande modelo e um líder carismático que aponta com modernidade um projeto de autenticidade evangélica. Evidentemente isto exigiu dele e exige de nós o conhecimento dos conteúdos deste espírito, o esforço constante de formação para uma sua interiorização, a busca de estruturas de orientação, estudos de discernimento, encontros de diálogos e um centro de referência autorizado.

7.7. *A abertura de fé aos valores da secularidade*

Aludimos acima às intuições de Dom Bosco com relação aos valores da laicidade. Ele soube, nas suas iniciativas, adequar-se ao que estava aflorando da realidade dos tempos. Deixou em seu patrimônio pedagógico-pastoral uma original abertura diante de não poucos valores da secularidade. Um aspecto, este, que teria se desenvolvido, antes lentamente e depois de maneira acelerada no complexo processo de secularização que percebemos hoje.

Aos grupos religiosos da sua Família deixou uma modalidade de organização e uma maneira de existir nova perante a maneira eclesial tradicional de entender a vida religiosa: agilidade de estruturas, modalidade de possuir os bens, hábitos, facilidade de adaptação, maneira familiar de convivência; foi original na idealização do Salesiano coadjutor (cf. circular do RM em "A componente laical da comunidade salesiana", ACS n. 298, outubro-dezembro de 1980); penso à possibilidade de dar vida a uma consagração secular com traços de "salesianos externos" (hoje temos na Família o Instituto secular das

VDB); utilizou para as suas instituições palavras seculares; foi sensível às áreas sociais novas; teve especial interesse em relação ao mundo do trabalho; praticou um estilo evangélico adaptado ao mundo secular.

O Papa Pio IX disse-lhe em 1877: "não há dúvida ser a mão de Deus aquela que guia a vossa Congregação. Ela é de uma modalidade nova, que surgiu nestes tempos de modo que possa ser Ordem religiosa e secular, que tenha voto de pobreza e ao mesmo tempo possuir, que participe do mundo e do claustro, cujos membros sejam religiosos, claustrais e livres cidadãos. Foi instituída para que seja vista e que manifeste a maneira de dar a Deus o que é de Deus, e a César o que é de César. Ela florescerá, dilatar-se-á milagrosamente, e perdurará nos séculos" (MB 13,82).

A chegada da Sociedade de S. Francisco de Sales a um tipo definido (também se só em parte novo) de Congregação religiosa, não exclui, seguindo as tentativas por ele feitas e então não aprovadas, outros grupos que entrem, na identidade de espírito e de missão, nalgumas destas duas aspirações e desejos que demonstram, de fato, uma corajosa abertura a novas modalidades.

Hoje várias possibilidades desse tipo são reconhecidas como válidas pela eclesiologia conciliar e nós podemos olhar para ele, como um antigo inspirador que intuiu ao menos a oportunidade histórica e pelas quais deixou em herança um patrimônio espiritual particularmente adaptado.

8. O carisma e a comunhão

Na Relação final do Sínodo extraordinário dos Bispos após vinte

anos do Concílio Vaticano II (1985), afirma-se que a "eclesiologia de comunhão é a idéia central e fundamental nos documentos do Concílio". Esta "eclesiologia de comunhão não pode ser reduzida só a questões organizativas ou a problemas que se relacionam simplesmente com o poder, também se isto é também fundamental para a ordem na Igreja e sobretudo para uma correta relação entre unidade e pluralidade" (RF II, C, 1).

Hoje toda verdadeira renovação deve ser projetada e realizada na comunhão. Trata-se de uma perspectiva profundamente exigente que comporta uma mudança de mentalidade.

Nós a podemos considerar seja em relação à Igreja, Corpo de Cristo e Sacramento universal de salvação, seja nas relações mútuas dos vários Grupos que constituem a Família Salesiana de Dom Bosco.

8.1. *Em nível de Igreja*

O carisma permanente de Dom Bosco Fundador está destinado a se inserir vitalmente nas dioceses e nas paróquias. De fato não é propriedade particular de nenhum dos Grupos salesianos. Esta perspectiva faz repensar a herança do Fundador de acordo com a síntese doutrinal e os critérios diretivos do documento "Mutuae relationes" (14 de maio de 1978). Por isso, é importante aprofundar a sua "natureza eclesial" e o verdadeiro alcance da sua "índole própria" dentro da missão comunitária da Igreja, em sintonia com a coordenação dos Pastores e na mútua colaboração com os outros carismas.

8.2. *Em nível de Família Salesiana*

É preciso evitar todo perigo de involução nas mentalidades e na

concepção da justa autonomia de todo Grupo.

Vimos que o papel de Dom Bosco Fundador não aplica-se univocamente: cada Grupo tem diferenças históricas com características próprias. Todavia cada um tem ligações com ele no espírito e na missão. Vivemos juntos uma comunhão espiritual e nos ajudamos mutuamente a conhecer e a testemunhar juntos os elementos constitutivos. Disto aparecem, entre outras, duas consequências verdadeiramente importantes.

A primeira é aquela de juntos guardar a fidelidade a Dom Bosco Fundador, sabendo olhar com particular interesse aos três Grupos fundados diretamente por ele (SDB, FMA, CC.SS.) como primeiras testemunhas da sua herança, também se com diferentes especificações.

É, depois, importante para todos saber considerar a Sociedade de S. Francisco de Sales como portadora de "particulares responsabilidades, por vontade do Fundador" que são: "manter a unidade do espírito e estimular o diálogo e a colaboração fraterna para mútuo enriquecimento e maior fecundidade apostólica" (Constituições SDB, 5).

Eis porque o "sucessor de Dom Bosco" é chamado, com o seu ministério, a ser como que "o pai e o centro de unidade da Família Salesiana" (Constituições SDB, 126). Não se trata de uma tarefa de governo, mas sim de um serviço vital de animação, respeitando as justas autonomias de cada Grupo e interessado no enriquecimento de todos através da contribuição peculiar de cada um.

A segunda consequência, prática e obrigatória para todos, é a de saber cultivar e incrementar as recíprocas relações entre nós; pen-

semos, por exemplo, as tantas possibilidades no campo dos estudos, dos critérios de formação, das orientações pastorais com vistas aos destinatários, das programações missionárias, da convergência nas iniciativas apostólicas, da sinceridade na fraternidade e paciente compreensão, etc.

Certamente neste campo pode-se e deve-se fazer mais; nisto terá vantagem toda a Família e aproveitará a Igreja inteira, que perceberá com maior clareza as válidas contribuições e a fecundidade do carisma permanente do Fundador.

9. Dilatar o espaço da paternidade de Dom Bosco

Dom Bosco é Fundador porque deixou uma herança viva e dinâmica. Procuramos sublinhar o significado eclesial e social no hoje, individuando também as suas principais fontes de vitalidade.

A eclesiologia de comunhão nos questiona no nosso sentido mais concreto de Igreja e em uma maior união e colaboração mútua.

Somos juntos, exatamente como Família, um dom precioso para o Povo de Deus.

Isto significa que seremos mais fiéis às origens e que trabalharemos mais e melhor se soubermos crescer juntos na comunhão. Pode ser um sinal promissor o fato que estamos aqui reunidos neste simpósio, no ano centenário do "dies natalis" de Dom Bosco, exatamente para lhe prestar uma particular homenagem e para aprofundar a compreensão do seu título de Fundador.

No Capítulo Geral Especial dos SDB (1971) compreendeu-se melhor que a plenitude do carisma permanente de Dom Bosco fora confiada por Deus não só a um

grupo, mas a uma grande Família. No documento que esclarece o significado, lemos: "a fidelidade dinâmica a Dom Bosco na intercomunicação e na colaboração fará dilatar o espaço da sua intuição pastoral e da paternidade, que aparecerá mais luminosa porque todo aumento de sentimentos fraternos, de união e de compromisso entre aqueles que se reconhecem seus "filhos" vai exaltar a sua dimensão. Esta paternidade adquire dimensões eclesiais: Dom Bosco de fato está na origem de religiosos, religiosos, leigos comprometidos e consagrados seculares que são direta emanção do seu trabalho ou nascidos da santidade dos seus filhos.

Através da corresponsabilidade e o diálogo, as incompreensíveis qualidades de cada um e as indispensáveis variedades dos ministérios, de um lado ajudarão a superar a uniformidade, de outro realizarão e reforçarão a unidade.

Aqueles que têm o serviço da autoridade, têm o dever de estimular essa contribuição útil na edificação do Corpo de Cristo (Atos CGS 174).

Agradecemos juntos a Deus e à Auxiliadora por nos ter dado como Fundador S. João Bosco, e propo-nhamo-nos uma fidelidade de comunhão!

5.4. Confirmação oficial da pertença das Ex-alunas de Maria Auxiliadora à Família Salesiana

Reproduzimos a carta que o Reitor-Mor enviou à Presidenta Confederal das Ex-alunas de Maria Auxiliadora para confirmar a pertença à Família Salesiana. Esta confirmação foi também oficialmente anun-

ciada pelo Reitor-Mor durante o seu discurso na abertura do Congresso Mundial dos Ex-alunos Salesianos (1).

(Por um erro no discurso do Reitor-Mor na abertura do Congresso Mundial, reproduzido no n. 328 dos ACG, foi omitido o trecho em que o mesmo Reitor-Mor anunciava a confirmação da pertença das Ex-alunas à Família Salesiana).

Prot. 88/1309

Roma, 29 de outubro de 1988
 festa do B. Miguel Rua

Prezma. Sra. Rosadele Regge
 Presidenta Confederal
 Ex-alunas de Maria Auxiliadora
 v. Ateneo Salesiano 81, Roma

Prezada Senhora Presidenta,

O ano centenário de Dom Bosco traz consigo graças abundantes para todos os Grupos da Família Salesiana, e em particular para a Confederação Mundial das Ex-alunas de Maria Auxiliadora. Prova especial disso são a beatificação a 3 de setembro p.p., no Colle Don Bosco, de Laura Vicuña, e a celebração do Congresso Mundial juntos das Ex-alunas e dos Ex-alunos de Dom Bosco.

Neste clima de agradecimento e de celebração do Fundador da Família Salesiana, a Senhora, em nome do Conselho da Confederação Mundial, enviou ao Reitor-Mor, no dia 4 de janeiro de 1988, o pedido de reconhecimento oficial de pertença das Ex-alunas de Maria Auxiliadora à Família Salesiana.

O Reitor-Mor com o seu Conselho examinou este pedido e os documentos que o acompanhavam. E pareceu evidente e mais do que pacífico que assim fosse.

A Senhora mesma expressou na Sua carta: "Desde sempre as Ex-

-alunas sentiram-se parte viva desta grande Família, graças à educação recebida das FMA e pela colaboração no trabalho apostólico na fidelidade ao Sistema Preventivo".

Quando a Congregação Salesiana nas suas Constituições reconheceu que "os Ex-alunos fazem parte da Família Salesiana graças à educação recebida" e que esta sua pertença "torna-se mais estreita quando se comprometem em participar da missão salesiana no mundo" (Constituições SDB, art. 5), incluía certamente na expressão "os Ex-alunos" também as Ex-alunas, beneficiadas com a mesma educação salesiana.

Por conseguinte, o Reitor-Mor com o consentimento do seu Conselho decidiu autenticar oficialmente a pertença também das Ex-alunas de Maria Auxiliadora à Família Salesiana.

Esta confirmação, que nos alegra no íntimo do coração, assegura válidas e numerosas forças à Família Salesiana no seu atual impulso de renovação e de crescimento qualitativo. A Confederação intensificará ainda mais as suas relações de comunhão e de colaboração antes de tudo com o Instituto das FMA que a promove, mas também com os diferentes Grupos da Família. Sentir-se-á particularmente perto aos numerosos leigos que seguem Dom Bosco: de maneira especial o "Grupo irmão" dos Ex-alunos, e também os Cooperadores Salesianos e o Instituto secular das VDB.

Ex-alunas, Ex-alunos, Cooperadores e VDB representam a parte mais numerosa da Família e uma verdadeira fonte de forças para realizar o bem. Presentes nos vários setores da sociedade, são chamados a enriquecê-la, aprofundando a sua identidade e colaborando com os outros Grupos para ter

uma maior força de impacto, capaz de levar a influência benéfica do carisma salesiano nas mentalidades, nos comportamentos e nas iniciativas promocionais das comunidades humanas onde elas trabalham.

Desejo que, com a assistência materna da Auxiliadora e com a intercessão de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, a Confederação cresça em número de membros comprometidos, com fervor salesiano, com frutos de trabalho apostólico, para o maior bem das Ex-alunas e de tanta juventude necessitada.

A Senhora, prezada Presidenta, apresento os meus obséquios e asseguro à Senhora e a todas a minha oração.

Com estima e agradecimento

Pe. Egídio Viganó

5.5. Reconhecimento de pertença à Família Salesiana do Instituto das "Irmãs de Jesus Adolescente"

Transcrevemos, em seguida, as duas cartas endereçadas pelo Reitor-Mor respectivamente à Superiora geral e aos Responsáveis dos grupos da F.S., em que se anuncia o reconhecimento oficial de pertença à Família Salesiana das "Irmãs de Jesus Adolescente" de Campo Grande (Brasil).

Prot. 89/007

Roma, 1.º de janeiro de 1989

Rev.da Madre Lúcia da Silva
Rua Antônio Maria Coelho, 1853
C.P. 334 — 79100 Campo Grande,
Brasil

Reverenda Madre Geral,

No jubiloso acontecimento das bodas de ouro do vosso Instituto, fundado pelo incansável Bispo salesiano Dom Vicente Priante no dia 8 de dezembro de 1938, tenho a alegria de comunicar à Senhora e às Suas Irmãs que foi aceito o pedido de reconhecimento oficial de pertença à Família Salesiana de Dom Bosco.

O pedido fora apresentado pelo Vosso III Capítulo Geral de 1982, renovado pelo IV, de 1988, e apoiado pelo testemunho autorizado de dois Bispos salesianos, Dom Antônio Barbosa e Dom Vitório Pavanello, Arcebispos de Campo Grande.

Assim as "Irmãs de Jesus Adolescente" formam o nono grupo que obtém esse reconhecimento. São o primeiro de origem brasileira e o terceiro na América Latina: depois das "Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria" da Colômbia (reconhecidas em 1981) e "Las Hijas del Divino Salvador" de El Salvador (em 1987). Também o vosso Instituto manifesta, neste ano centenário da morte do nosso Fundador, a amplitude e a riqueza da irradiação do carisma salesiano na Igreja. A inteira Família Salesiana alegra-se e congratula-se convosco.

Na reunião do dia 23 de dezembro de 1988, do Conselho Geral, examinamos a história e as características do Vosso jovem Instituto. Teve a dupla sorte de ser fundado por um fervoroso salesiano e sustentado generosamente por quase trinta anos pelas Filhas de Maria Auxiliadora: "A esta Congregação, testemunha a Rev.da Madre Mari-nella, nos sentimos fraternalmente unidas por afinidade de espírito e de ideais".

Na Vossa salesianidade aparecem alguns traços que apreciamos:

- a clara opção pela juventude pobre e pelos ambientes populares, sua promoção social, cultural, religiosa;
- a escolha preferencial para ajudar as Igrejas particularmente “pobres”, onde há falta de clero e de outras famílias religiosas;
- a vossa decidida prática do Sistema Preventivo de Dom Bosco;
- o espírito eucarístico e mariano;
- a significativa data salesiana de fundação.

Caminhai por estes caminhos, para poder enriquecer com a Vossa peculiar contribuição toda a nossa Família.

No Capítulo Geral previsto para 1990 deveis estudar a modalidade oportuna para inserir mais claramente essas características nas vossas Constituições; e em particular para justificar adequadamente o nome de irmãs de “Jesus Adolescente” e de expressar a vossa ligação seja com o Reitor-Mor “pai e centro de unidade da Família”, seja com os outros grupos da Família Salesiana, com os quais realizar-se-á a lei do mútuo “dar e receber”, especialmente com aqueles da vossa região.

Nós rezamos para que Deus, pela intercessão de Maria Auxiliadora, de São João Bosco e de Dom Vicente Priante, Vos faça crescer em número de vocações, em fervor e em obras boas, para a sua glória e para o bem de muitos pequeninos e pobres.

A Senhora, Reverenda Madre, ao Seu Conselho e a todas as Irmãs, os meus votos de próspero ano de 1989, de um feliz coroamento do Centenário de Dom Bosco e os meus respeitos e saudações cordiais.

Com profundo afeto no Senhor

Pe. Egídio Viganó

Roma, 12 de janeiro de 1989

Aos Responsáveis maiores dos Grupos da Família Salesiana em sua Sede.

Com alegria Vos comunico que no dia 23 de dezembro de 1988, depois de ter ouvido o parecer do Conselho Geral da Sociedade de São Francisco de Sales, aceitei o pedido feito pelo Capítulo Geral das “Irmãs de Jesus Adolescente” (Instituto de vida consagrada) para pertencer à nossa Família Salesiana.

As “Irmãs de Jesus Adolescente”, fundadas pelo apostólico salesiano Dom Vicente Priante, Bispo de Cumbá, tinha várias vezes, desde 1982 até hoje, através dos seus Capítulos Gerais, pedido esta declaração. O pedido tornou-se mais insistente particularmente neste último ano, centenário da morte de Dom Bosco e quinquagésimo da sua fundação.

Ao pedido as “Irmãs de Jesus Adolescente” uniam os testemunhos da sua salesianidade através das comendaticias dos Bispos do Mato Grosso e das Filhas de Maria Auxiliadora, que as sustentaram por mais de trinta anos nos difíceis inícios do Seu Instituto. “A esta Congregação — testemunha a Rev. da Madre Marinella Castagno — sentimo-nos fraternalmente unidas por afinidade de espírito e de ideais”.

A Sua salesianidade destaca-se nalguns pontos que sublinhamos:

- A clara opção pela juventude pobre e pelos ambientes populares, com vistas à sua promoção social, cultural e religiosa;
- A escolha preferencial para ajudar as Igrejas particularmente “pobres”, onde há falta de clero e de outras famílias religiosas;

- A vontade de aplicação do Sistema Preventivo de Dom Bosco;
- O espírito eucarístico e mariano;
- A significativa data salesiana de fundação, 9 de dezembro de 1938.

Convido-vos portanto a festejar pelo dilatar-se da comunhão salesiana e a dar às “Irmãs de Jesus Adolescente” o bem-vindo em nossa Família, para aprofundar e testemunhar juntos o comum patrimônio espiritual.

Desejamos ao novo Grupo um grande aumento de vocações.

Com afeto em Dom Bosco

Pe. Egidio Viganó

5.6. Reconhecimento de pertença à Família Salesiana da Associação “Damas Salesianas”

Reproduzimos, em seguida, as duas cartas endereçadas respectivamente à Presidenta e aos Responsáveis dos grupos da Família Salesiana, relacionadas com o reconhecimento de pertença à Família Salesiana da Associação “Damas Salesianas” de Caracas.

Prot. 89/023

Roma, 6 de janeiro de 1989
Epifania do Senhor

Sra. Leonor G. de Mendoza
Presidenta
Associação “Damas Salesianas”
Apto. 68.035
Altamira Caracas 1062 A

Prezada Senhora Presidenta,

No jubiloso acontecimento do vigésimo aniversário de fundação da Vossa Associação e no encerramento do Ano centenário da morte de Dom Bosco, tenho a alegria de comunicar à Senhora, aos membros do “Diretório Internacional” e a todas as Damas Salesianas que foi aceito o pedido de reconhecimento oficial de pertença da Vossa Associação à nossa Família espiritual.

O pedido fora apresentado no dia 29 de fevereiro de 1988 pelos 106 membros da Vossa Primeira Assembléia Geral Internacional de Caracas, acompanhada pelos documentos do Vosso “Ideário”, do recente “Manual de Dirigentes” e do Decreto de ereção canônica diocesana pelo Arcebispo de Caracas, Cardeal José Alí Lebrún (29 de setembro de 1988). Tudo foi atentamente examinado pelo Conselho Geral salesiano na reunião de 29 de dezembro p.p.

A Vossa Associação obtém esse reconhecimento de pertença depois das “Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria” da Colômbia (1981), das “Salesianas Oblatas do Sagrado Coração” da Itália (1983), as “Apóstolas da Sagrada Família” também da Itália (1984), as “Irmãs da Caridade de Miyazaki” (1986), as “Irmãs Missionárias de Maria Auxiliadora” de Shillong (1986), as “Filhas do Divino Salvador” de El Salvador (1987), as “Irmãs Servas do Coração Imaculado de Maria” da Tailândia (1987) e as “Irmãs de Jesus Adolescente” de Campo Grande (1988). (N.B.: note-se que as “Voluntárias de Dom Bosco” e as “Ex-alunas” já estão incluídas nos documentos oficiais).

Deve-se sublinhar o fato que, enquanto esses Grupos são Institutos de Vida consagrada, Vós formais uma Associação eminentemente laical. Isto manifesta a ampli-

tude e a riqueza de irradiação do carisma salesiano na Igreja e enriquece de maneira original toda a nossa Família. Estamos alegres e felizes convosco.

O Vosso Grupo nasceu nos anos 1963-1969 ao redor do novo "Templo Nacional de San Juan Bosco" de Caracas, da consciência que o edifício religioso precisava ser completado com obras sociais em prol dos necessitados, especialmente dos jovens. O responsável, Pe. Miguel Gonzáles SDB, encontrou em tantas senhoras generosas e decididas o instrumento providencial para levar adiante este projeto. Desde então vós desenvolvistes na Venezuela e em diferentes países do Centro e do Sul da América e nas Antilhas, até alcançar o número de mais de mil membros ativos e de 45 Centros bem estruturados e ativos.

A Vossa Associação está animada por um ardente espírito salesiano: debaixo da proteção de Maria Auxiliadora encontra-se uma referência clara e constante a Dom Bosco e à sua missão. Mas na nossa Família ela distingue-se com alguns traços característicos que é bom ressaltar:

- Sois uma associação laical feminina, de mulheres — ou casadas ou solteiras ou viúvas — que intentam não só continuar a tradição das grandes benfeitoras de Dom Bosco, mas também promover vigorosamente a laicidade, inserida cristãmente no mundo; assim contribuíis na evolução harmoniosa do problema feminino, demonstrando a capacidade apostólica da mulher de acordo com o Evangelho e o espírito salesiano.
- Nascestes como "Movimento social-apostólico" de promoção

humana e de evangelização, com a preocupação de "canalizar cristãmente e apostolicamente o voluntariado social" (Ideário, nn. 14 e 38) e com uma atenção privilegiada pelos pobres, sofredores e jovens das classes populares.

- Para tornar o vosso serviço concreto e eficaz organizais obras próprias, com estruturas assistenciais oportunas.
- Trabalhais em equipe, sem nunca por isso esquecer o testemunho e o eventual serviço pessoal.
- Estais preocupadas em vos inserir bem no trabalho social e pastoral das Igrejas particulares.
- Favoreceis o espírito fraterno entre vós e com os outros Grupos salesianos, como sinal do espírito de família típico de Dom Bosco.

Pensando no desenvolvimento harmonioso da Associação, permito-me submeter à Vossa atenção alguns desejos:

- Dar prioridade à boa formação salesiana dos membros, olhando o exemplo de Mãe Margarida com sua simplicidade de vida e ao comportamento que Dom Bosco sugeria às suas benfeitoras.
- Expressar com vigor os vossos ideais, evitando eventuais acentos de tendência triunfalista ou polémica, e intensificando a comunhão com os vários Grupos da nossa Família.
- Em particular, considerai que o próprio Dom Bosco fundou a Pia União dos Cooperadores Salesianos (1876), que seguem um Regulamento de Vida aprovado

oficialmente pela Sé Apostólica (1986). Especialmente as Cooperatoras Salesianas são vossas irmãs. Com elas, e mais ainda com os outros Grupos salesianos leigos da vossa região (VDB, Ex-alunas) não deixai de fraternizar, mas também de colaborar toda vez que está em jogo um maior bem em favor dos pobres e dos jovens.

- Vigiai para que o sentido da organização nunca ofusque a inspiração evangélica do vosso trabalho: o dinamismo apostólico brote sempre de uma fé viva, alimentada nas fontes puras da meditação pessoal da Palavra de Deus, do conhecimento aprofundado de Dom Bosco.
- Cuidai fraternalmente as relações mútuas com os Salesianos de Dom Bosco, para que haja a possibilidade de desenvolver melhor os valores da identidade.

Estou convencido de que a Vossa entrada oficial na Família Salesiana será um benefício e um estímulo para todos, em particular para os grupos laicais.

Rezarei para que o Senhor, pela intercessão de Maria Auxiliadora, Vos faça crescer em número, em fervor e em obras boas, para a sua glória e para o bem dos pequenos e dos pobres.

Dom Bosco interceda!

A Senhora, prezada Presidenta, ao Diretório Internacional e a todas as Damas, os meus votos de Próspero Ano de 1989, de feliz coroação do centenário de Dom Bosco e os meus obséquios e saudações cordiais.

No Senhor,

Pe. Egidio Viganó

Roma, 12 de janeiro de 1989

Aos Responsáveis maiores dos Grupos da Família Salesiana
Em sua Sede

Através desta Vos comunico que, no dia 29 de dezembro de 1988, foi aceito pelo Reitor-Mor, após atenta análise do Conselho Geral, o pedido de pertença à nossa Família da Associação "Damas Salesianas" fundada em Caracas (Venezuela) pelo sacerdote salesiano Pe. Miguel Gonzáles.

Trata-se de uma Associação particular de senhoras católicas, casadas, solteiras ou viúvas, inspirada na Missão e no Espírito de São João Bosco. Foi canonicamente erigida na Arquidiocese de Caracas, a 29 de setembro de 1988.

A maior parte dos Grupos femininos da Família, oficialmente reconhecidos até hoje, é de vida consagrada. Este grupo, no entanto, apresenta-se como nitidamente laical.

Pela sua originalidade e pelo fato de ser ainda pouco conhecido, acredito seja oportuno apresentar-vos algumas informações.

Nasceu nos anos 1963-1969 em Caracas-Altamira, quando construía-se o "Templo Nacional de San Juan Bosco", da convicção que ao edifício religioso era preciso acrescentar uma obra social em favor dos necessitados e dos jovens. O projeto foi assumido por um grupo de senhoras generosas e decididas. Durante certo tempo a obra permaneceu restrita, mas nestes últimos anos cresceu de maneira admirável em vários bairros de Caracas, em diferentes cidades da Venezuela e em outros onze Países (três da América do Sul, cinco do Centro América e três das Antilhas). A Associação, bem estruturada e or-

ganizada, conta com mais de mil membros ativos que trabalham em 45 "Centros".

Entre as suas características destacamos as seguintes:

- É uma Associação exclusivamente feminina. Aceitam como membros mulheres de todas as classes sociais. Buscam não só continuar a tradição das grandes benfeitoras de Dom Bosco, mas também promover vigorosamente o apostolado da mulher cristã leiga, inserida sem medo do mundo. A experiência do espírito e da missão salesiana oferece a elas estímulos para um estilo de vida simples, generoso, de concreta sensibilidade evangélica.
- A sua missão é de caráter social e apostólico, ao mesmo tempo de promoção humana e de evangelização; busca canalizar cristãmente um tipo de voluntariado social. Trabalha pelos necessitados, pobres, sofredores das classes populares, com atenção privilegiada em favor dos jovens, em diferentes serviços de saúde pública, cultural e espiritual. O seu lema é: "Fazer o bem sem olhar para quem, com Dom Bosco e com os tempos".
- Para tornar este serviço concreto e eficaz, sustentam obras próprias, com estruturas assistenciais julgadas oportunas: cuidados médicos, ajuda escolar ou profissional, catequese, livrarias.
- Insistem sobre o trabalho em equipe.
- Entra-se oficialmente na associação fazendo uma "Promessa".
- Ao lado dos "membros efetivos" há "membros honorários", isto

é, as damas que trabalharam no passado sem poder agora intervir ativamente. Existem também algumas "benfeitoras" que ajudam economicamente sem pertencer ativamente à Associação.

- As Damas apoiam sua ação sobre uma vida espiritual séria, que visa o testemunho cristão. Possuem no "Ideário" a sua carta oficial de identidade.

A declaração oficial da sua pertença à nossa Família nos compromete todos em conhecê-las, e acompanhá-las com a oração, em estabelecer eventualmente relações de mútua colaboração, caminhando "adiante juntos".

A sede central da Associação é: Altamira, La Castellana, Apdo 68.035, Caracas 1062 A. Venezuela. Atual Presidenta é a Senhora Leonor G. de Mendoza.

Agradecemos a Providência que as suscitou. Peçamos a Maria Auxiliadora para que assista este novo Grupo no seu generoso trabalho e no seu crescimento espiritual.

Olhem todos para Dom Bosco como Mestre e Guia.

Cordiais saudações.

No Senhor,

Pe. Egidio Viganó

5.7. Textos litúrgicos para a memória da bem-aventurada Laura Vicuña

Apresentamos, em latim e na tradução portuguesa, os textos litúrgicos próprios para a memória da Bem-aventurada Laura Vicuña (22 de janeiro), aprovados pela Congregação para o Culto Divino.

Texto latino

OFFICIUM LECTIONIS LECTIO ALTERA

Vita Beatae Laurae Vicuña, virginis (Positio super Causae Introductione. Summarium, Romae 1969, pp. 227-228; 252-254)

Voluntas Dei optima mea oratio.

Inde a primis diebus quos in ephebeo egit — iuxta Moderatricis testimonium — Laura indolem ostendit aetate prudentiorem itemque valde ad pietatem proclivem. Nam cor eius simplex et purum minime requiescebat nisi in rebus divinis eiusque devotionis studium iam grave apparuit, numquam simulatum nec immoderatum.

In omnibus sincere integreque se gerebat; si in oratione versabatur, in hanc intento animo tota incumberebat, fere numquam animadvertens quae circa se forte evenire possent; quin immo saepe eam arcescere oportuit, quia ab ecclesia exeundum erat.

E odem studio omnibus fungebatur officiis, sane compertam et adhibitam habens illam sententiam, "Age quod agis"; quapropter laeto atque iucundo animo libentique voluntate ab ecclesia ad scholam, itemque ad officinam vel ad ludos vel ad alia quaecumque officia se conferebat.

"Unum idemque mihit est — affirmabat — orare vel in officium incumbere: idem plane evadit orare et ludere, orare et requiescere. Quoties enim praescripta perficio, toties scio me voluntatem Dei exsequi: quod unum igitur agere cupio, quia haec prorsus med oratio est". Pietatem semel experta — ita Moderatrix scripsit — eandem perdi-

lexit donumque orationis tam excelsum tamque assiduum consecuta est, ut vel per ludendi tempus in Dei cogitatione defixa maneret.

"Deus ipse mihi videtur — aiebat — in me memoriam alere suae divinae praesentiae". "Ubi cumque versor, tam in schola quam in cavaudio, haec eadem memoria me ipsam comitatur, solatur, delectat".

Cui Pater confessarius obiecit: "Itaque evenit ut semper in eiusmodi cogitationibus defixa officia tua fortasse neglegas".

"Minime, pater — respondit puella — quin immo pernovi istam cogitationem auxilium mihi praestare ad omnia rectius exsequenda, nullo modo impedimentum: fit enim ut ego non assidue de hac re cogitem, attamen, licet non cogitem, potius de eadem re memoria plane gaudeam".

RESPONSORIUM

*R Pulchritudinem tuam contemplanur, virgo Christi sponsa, * splendidam a Domino accepisti coronam.*

V Virginitatis decus tibi non auferetur; numquam a Filii Dei caritate seiungeris.

R Splendidam a Domino accepisti coronam.

COLLECTA

Deus, qui in virgine Laura iuvenili aetate miram animi fortitudinem cum innocentiae candore sociasti: eius nobis intercessione concede, ut, ardua vitae certamina fortiter superantes, promissam mundis corde beatitudinem vivere atque diffundere iugiter valeamus. Per Dominum.

Texto português

Ofício das Leituras Segunda Leitura

A vontade de Deus:
a minha melhor oração

(Crestanello Augusto, Vita di Laura Vicuña alunne delle Figlie di Maria Ausiliatrice e Figlia di Maria Immacolata, in *Sacra Pro Causis Sanctorum Congregatione, Viedmen, Beatificationis et Canonizationis Servae Dei Laurae Vicunia, virginis Filiae Mariae, alunnae Institutis Filiarum Mariae Auxiliatricis. Positio super Causae introductione, Summarium, Romae, 1969, pp. 227-228; 252-254*).

"Desde os primeiros dias de sua chegada ao Colégio — conta a diretora — Laura manifestou bom senso superior à sua idade e uma verdadeira inclinação à piedade. Seu coração inocente não encontrava paz e tranquilidade a não ser nas coisas de Deus. Ainda que fosse uma menina, a sua devoção era séria: nada de afetado, nem de exagerado nela.

Ela era natural e simples em tudo. Durante a oração percebia-se que sua mente estava atenta ao que fazia. Dificilmente se dava conta do que acontecia ao seu redor e muitas vezes foi preciso dizer-lhe que a chamavam ou que estava na hora de sair da igreja. Com a mesma atenção ela se dedicava ao cumprimento de todos os outros deveres. Havia compreendido bem e aplicava a si mesma a sentença: "Faça aquilo que você está fazendo", e com santa liberdade de espírito, contente e feliz, passava da igreja para a sala de aula, da sala de aula para a sala de trabalho ou para qualquer outra ocupação, ou para o recreio.

"Para mim — costumava dizer — rezar ou trabalhar é a mesma coisa; rezar ou brincar, rezar ou dormir é o mesmo. Fazendo aquilo que mandam, faço o que Deus quer que eu faça e é isto o que eu quero fazer; esta é a minha melhor oração".

"Depois que compreendeu o que era a piedade — escreve sua diretora — amou-a e alcançou um dom de oração tão alto e constante que mesmo durante os recreios via-se que estava imersa em Deus". "Parece-me — dizia — que Deus mesmo mantém viva em mim a lembrança de sua Divina presença". "Onde quer que me encontre, seja na aula, seja no pátio, esta lembrança me acompanha, me ajuda e me conforta". — Pode acontecer que estando sempre preocupada com este pensamento, acaba descuidando os seus deveres — objetou o Padre (Confessor) —. — "Ah, não, Padre! — respondeu ela —. Vejo que este pensamento me ajuda a fazer tudo melhor e que não me atrapalha em nada, porque não é que eu esteja pensando sempre nisto, mas sem pensar estou gozando desta lembrança".

RESPONSÓRIO

R/. Contemplamos a tua beleza, virgem de Cristo:

* recebestes de Deus uma esplêndida coroa.

V/. Não te será tirada a honra da virgindade, não te separarás mais do amor do Filho de Deus:

R/. recebestes de Deus uma esplêndida coroa.

COLETA

Ó Deus, que na adolescente Laura Vicuña unistes de modo maravilhoso a fortaleza do espírito e o candor da inocência, fazei que tam-

bém nós, por sua intercessão, superemos corajosamente as duras provas da vida, para podermos viver e irradiar a felicidade prometida aos puros de coração.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

5.8. Instituto de Ciências da Comunicação Social na UPS

Transcrevemos a carta do Prefeito da Congregação para a Educação Católica, com a qual aprova-se o início das atividades do novo Instituto para a Comunicação Social na UPS, desejado pelo Conselho Geral e pela Universidade como compromisso da Congregação no centenário de Dom Bosco.

Prot. N. 1159/88/8

Roma, 17 de dezembro de 1988

Rev.mo Senhor
Pe. Egídio Viganó
Reitor Magnífico
da Pont. Univers. Salesiana

Reverendíssimo Reitor Magnífico,

Recebemos a respeitosa carta N. 12/88 do dia 29 de junho p.p., com a qual V.S. formulou a esta Congregação o pedido de ereção do "Instituto de Ciências da Comunicação Social" dessa Pontifícia Universidade Salesiana, e nos transmitiu a relativa documentação.

Desejamos antes de tudo expressar a V.S. a nossa viva satisfação pela importante iniciativa, promovida no entendimento entre a Sociedade de São João Bosco e a Universidade Salesiana.

Esta Congregação dedicou particular atenção ao problema da formação à comunicação social publi-

cando o documento "Orientações para a formação dos futuros sacerdotes ao uso dos instrumentos da comunicação social".

Sentimo-nos portanto felizes em dar a nossa aprovação para o funcionamento do curso, fruto significativo do ano centenário da morte de S. João Bosco. Esta aprovação poderá ser logo publicada e o curso poderá funcionar por um quadriênio experimental a partir do ano acadêmico 1988-1989.

De nossa parte, apresentamos às competentes Autoridades algumas observações, aqui unidas (*documentação*), com vistas à publicação, a seu tempo, do Decreto de ereção do ISCOS e da aprovação do Estatuto.

Enquanto esperamos a revisão do Estatuto à luz das citadas observações e de outras indicações que são consideradas oportunas pelas competentes Autoridades, desejamos um feliz início ao Instituto para o progresso da missão evangelizadora da Igreja, particularmente no mundo juvenil.

Aproveitamos da oportunidade para apresentar a V.S. a nossa mais distinta saudação e nos confirmarmos

de Vossa Reverendíssima
devotíssimos no Senhor

William Card. Baum — Prefeito
José Saraiva Martins — Secretário

5.9. Nomeação do Pe. Egídio Viganó a membro da Congregação para a Evangelização dos Povos

No dia 3 de janeiro de 1989 o nosso Reitor-Mor era nomeado membro da Congregação para a Evangelização dos Povos ("De propaganda Fide"). Publicamos, no

original, o documento transmitido pela Secretaria de Estado.

Summus Pontifex
IOANNES PAULUS II

Membris Congregationis por Gentium Evangelizatione seu de Propaganda Fide ad quinquennium ascripsit Reverendum Dominum

AEGIDIUM VIGANÒ

Supremum Moderatorem Societatis Sancti Francisci Salesii

Id in notitiam ipsius Reverendi Domini Viganò perfertur, ut ea de re opportune certior fiat ad eiusdemque normam se gerat. Ex Aedibus Vaticanis, die III mensis Ianuarii anno MCMLXXXIX

A. Card. Casaroli

5.10. Novos Inspetores

1. *Pe. Pascual CHAVES, Inspetor de Guadalajara (México)*

O Pe. Pascual CHAVES foi chamado para guiar a Inspetoria de Guadalajara, no México, substituindo o falecido Pe. Humberto Menezes, que Deus chamara a si.

O Pe. Pascual nasceu a 14 de dezembro de 1947 em Catorce, na Província de San Luis Potosi, no México. Entrou aos 11 anos no colégio de Saltillo; fez o Noviciado de Coacalco, onde fez sua primeira profissão salesiana no dia 16 de agosto de 1964.

Depois do tirocínio prático e depois dos estudos teológicos, feitos em Guadalajara, foi ordenado

sacerdote no dia 8 de dezembro de 1973.

Mandado a Roma para continuar os estudos, alcançou a licença em Sagrada Escritura. Voltou depois para o México, onde lhe foi confiada a tarefa de professor de Escritura no estudantado teológico de Tlaquepaque, onde em 1980 tornou-se também diretor.

Há dois anos, ainda, era membro do Conselho inspetorial.

2. *Pe. Patrick LONERGAN, Superior da Visitadoria da África Meridional*

Para dirigir a nova Visitadoria da África Meridional, com sede em Johannesburg, foi escolhido o Pe. Patrick LONERGAN.

Ele nasceu em Emly, na província de Tipperary, na Irlanda, a 6 de fevereiro de 1941. Após ter frequentado o Instituto Salesiano de Pallaskenry, fez o noviciado em Burwash e professou no dia 12 de setembro de 1958.

Durante o tirocínio prático, fez uma experiência missionária no Equador. Voltou depois para os estudos teológicos, que frequentou em Cremisan, na Palestina; no dia 28 de junho de 1969 era ordenado sacerdote.

Depois de dois anos de trabalho educativo-pastoral em Blaisdon, na Inglaterra, em 1970 viajava para a África do Sul, onde trabalhou com continuidade (com exceção da interrupção no Centro Catequético de Dundalk, na Irlanda). Em 1978 foi nomeado Diretor da casa de Lansdowne. Atualmente era também Conselheiro da Delegação inspetorial da África Meridional.

5.11. Solidariedade fraterna

(52.ª Relação)

a) *Inspetorias que beneficiaram outras inspetorias e obras necessitadas*

AFRICA

Insp. do Médio Oriente Makallé	L. 1.000.000
-----------------------------------	--------------

AMÉRICA LATINA

Insp. Brasil Belo Horizonte	L. 1.208.600
--------------------------------	--------------

AMÉRICA DO NORTE

Insp. EUA São Francisco	L. 32.531.250
----------------------------	---------------

ASIA

Insp. Índia Bombaim	L. 950.000
------------------------	------------

Insp. Índia Calcutá	L. 3.000.000
------------------------	--------------

Insp. Índia Guwahati	L. 2.000.000
-------------------------	--------------

Insp. Índia Guwahati (Pe. Bianchi)	L. 50.000
---------------------------------------	-----------

Insp. Índia Madras	L. 3.000.000
-----------------------	--------------

Insp. Tailândia	L. 1.500.000
-----------------	--------------

EUROPA

Insp. Alemanha Colônia	L. 6.710.914
---------------------------	--------------

Insp. Bélgica Bruxelas	L. 17.175.000
---------------------------	---------------

Insp. Espanha Córdoba	L. 10.000.000
--------------------------	---------------

Insp. França Paris	L. 10.000.000
-----------------------	---------------

Insp. Grã Bretanha	L. 476.000
--------------------	------------

Insp. Itália	
Romana (Eslovacos)	L. 2.000.000
Subalpina	L. 2.254.920
Vêneta Leste (Udine)	L. 5.350.000
Itália (sr. Novelli)	L. 300.000
Itália (N.N.)	L. 20.000
Itália (reembolso)	L. 300.000

b) *Inspetorias e obras beneficiadas através do Fundo
"Solidariedade fraterna"*

AFRICA

Insp. Zaire	
Burundi: para as necessidades da missão	L. 476.000

AMÉRICA LATINA

Insp. Antilhas	
Cuba: para as necessidades da missão	L. 19.322.420
Cuba: sr. V. Cayado	L. 1.714.100
Insp. Brasil-Manaus:	
para a construção do noviciado	L. 12.000.000
Insp. Brasil-São Paulo:	
Angola: para compra de uma condução	L. 20.000.000
Insp. Centro-América:	
Tegucigalpa (P. Pio Oct. Sabbadin)	L. 12.000.000
Insp. Méx. Guadalajara:	
Guiné-Conakry (Pe. J. B. Beraud)	L. 4.260.000

ASIA

Insp. Índia-Calcutá:	
Burma-Anisakan: para o aspirantado	L. 20.000.000
Burma: para a Delegação	L. 15.000.000
Burma: para as necessidades dos irmãos	L. 13.300.000
Visitadoria Vietnã:	
para as necessidades da Visitadoria	L. 51.000.000

EUROPA

Insp. França-Paris:	
reembolso de Istambul	L. 42.000
Insp. Ligure-Toscana:	
para um irmão doente (Varazze)	L. 4.214.000

78 ATOS DO CONSELHO GERAL

5.12. Estatísticas do Pessoal Salesiano

Levantamento feito no dia 31 de dezembro de 1988

Insp.	Tot. 1987	Professos temporários				Professos perpétuos				Tot. pro- fessos	Novi- cos	Tot. 1988
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AFC	229	13	27	0	0	24	2	0	151	217	13	230
AFE	0	2	9	0	0	9	16	0	29	65	0	65
ANT	189	2	34	0	0	15	5	0	122	178	10	188
ABA	210	3	15	0	0	16	14	0	164	212	3	215
ABB	166	3	6	0	0	17	6	0	127	159	2	161
ACO	187	10	27	0	0	9	18	0	105	169	11	180
ALP	126	2	17	0	0	15	8	0	81	123	5	128
ARO	151	4	17	0	0	18	0	0	94	142	4	146
AUL	124	3	10	0	0	21	4	0	84	122	3	125
AUS	160	6	12	0	1	10	3	1	124	157	4	161
BEN	231	2	16	0	0	23	4	0	181	226	4	230
BES	116	1	3	0	0	9	2	0	97	112	1	113
BOL	128	4	32	0	0	15	5	0	68	124	6	130
BBH	174	7	19	0	0	21	4	0	123	174	2	176
BCG	183	5	21	0	0	27	4	0	111	168	5	173
BMA	134	5	24	0	0	19	3	0	74	125	10	135
BPA	128	1	17	0	0	11	4	0	87	120	4	124
BRE	93	2	11	0	0	16	4	0	60	93	0	93
BSP	238	8	33	0	0	31	11	0	147	230	2	232
CAE	0	0	1	0	0	5	1	0	28	35	0	35
CAM	268	10	71	0	0	24	4	0	142	251	17	268
CIL	252	1	40	0	0	23	19	0	159	242	16	258
CIN	151	1	10	0	0	38	6	0	90	145	0	145
COB	208	3	33	0	0	44	5	0	119	204	9	213
COM	172	2	37	0	0	24	6	0	93	162	9	171
ECU	274	8	38	0	0	28	13	0	176	263	7	270
FIL	336	32	97	0	0	23	31	1	135	319	31	350
FLY	177	0	5	0	0	34	3	0	131	173	0	173
FPA	247	2	9	0	0	34	1	0	195	241	7	248
GBR	168	1	8	0	0	21	3	0	129	162	2	164
GEK	198	6	17	0	0	41	5	0	116	185	5	190
GEM	308	7	25	0	0	68	9	0	192	301	5	306
GIA	130	0	11	0	0	21	5	0	92	129	6	135
INB	311	13	84	0	0	17	19	0	110	243	9	252
INC	321	7	84	0	0	33	29	0	154	307	12	319
IND	181	2	59	0	0	5	19	0	101	186	12	198
ING	286	4	61	0	0	29	20	0	149	263	23	286
INK	308	4	106	0	0	13	48	0	118	289	21	310
INM	362	12	121	0	0	21	40	0	157	351	22	373
IRL	209	2	15	0	0	19	12	0	150	198	4	202
IAD	170	2	10	0	0	32	1	0	124	169	0	169
ICE	367	7	20	0	0	133	1	1	198	360	3	363

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS 79

Insp.	Tot. 1987	Professores temporários				Professores perpétuos				Tot. pro- fessores	Novi- ços	Tot. 1988
		L	S	D	P	L	S	D	P			
ILE	431	6	25	0	0	73	5	0	315	424	4	428
ILT	223	0	8	0	0	42	3	1	172	226	4	230
IME	349	3	25	0	1	53	4	1	253	340	3	343
INE	225	1	11	0	0	44	6	0	159	221	1	222
IRO	321	2	18	0	0	54	4	3	234	315	7	322
ISA	87	0	5	0	0	9	3	0	70	87	1	88
ISI	391	3	24	0	0	36	8	0	308	379	4	383
ISU	493	6	24	0	0	101	5	0	347	483	4	487
IVE	309	5	21	0	0	58	8	1	211	304	3	307
IVO	242	2	12	0	0	51	2	0	176	243	4	247
JUL	151	0	18	0	0	21	11	0	96	146	5	151
JUZ	107	0	16	0	0	8	7	0	71	102	4	106
KOR	46	5	11	0	0	6	1	0	17	40	11	51
MEG	166	5	36	0	0	13	12	0	106	172	16	188
MEM	209	12	57	0	0	14	9	0	101	193	19	212
MOR	157	0	15	0	0	31	3	0	102	151	3	154
OLA	91	0	0	0	0	26	1	1	63	90	0	90
PAR	100	2	14	0	0	9	4	0	63	92	2	94
PER	180	9	35	0	0	10	11	0	102	167	15	182
PLE	404	15	138	0	0	23	8	0	197	381	28	409
PLN	318	6	95	0	0	11	10	0	182	304	24	328
PLO	265	2	56	0	0	1	11	0	175	245	17	262
PLS	285	0	97	0	0	19	12	0	125	253	31	284
POR	190	3	17	0	0	49	6	1	113	189	9	198
SBA	270	3	19	0	0	43	6	0	190	261	8	269
SBI	265	9	34	0	0	57	23	0	137	260	7	267
SCO	165	7	19	0	0	7	3	2	116	154	1	155
SLE	285	12	25	0	0	71	8	0	159	275	6	281
SMA	438	21	37	0	0	101	18	0	252	429	11	440
SSE	202	1	17	0	0	36	6	0	138	198	5	203
SVA	214	1	17	0	0	36	4	1	148	207	5	212
SUE	303	3	21	0	0	55	6	0	179	264	2	266
SUO	132	3	1	0	0	28	4	0	90	126	1	127
THA	110	7	13	0	0	10	7	0	69	106	4	110
URU	150	1	14	0	0	11	2	0	117	145	3	148
VEN	243	4	28	0	0	20	5	1	180	238	7	245
UPS	124	0	0	0	1	16	0	0	107	124	0	124
RMG	92	0	0	0	0	20	0	0	70	90	0	90
Tot.	17104	368	2335	0	3	2329	671	15	10797	16518	588	17106
Vesc. + Prel.	80									84		84
Non catal.	460									450	10	460
Tot.	17644	368	2335	0	3	2329	671	15	10797	17052	598	17650

80 ATOS DO CONSELHO GERAL

5.13 Irmãos falecidos (1989 — 1.º elenco)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação e não pouco sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const.).

NOME	LOCAL E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
L BACKS Rudolf	Marienhäusen	25-12-88	79	GEK
P BEJARANO Pablo	Bogotá	17-01-89	58	COM
P BLEHO Ernest	Trnava	22-11-88	72	CEB
P BRASSIL Michael	Johannesburg	04-01-89	73	AFM
P BRODER Daniel	Bollington	13-02-89	87	GBR
P BURCKARDT Albert	St. Die	22-02-89	75	FLY
L CALIARI Antonio	Albano Laziale	25-10-88	52	IRO
P CAMPO Aleiandro	Santander	13-12-88	74	SBI
P CAROLLO Luigi	Macas	30-01-89	65	ECU
P CHARBEL Antonio	São Paulo	07-01-88	76	BSP
L CHIEVAS GUERRA Absalón	Alhacete	23-01-89	83	SVA
P D'ANTONA Giuseppe	Caltanissetta	01-01-89	78	ISI
P DI FIORI Luigi	Brunswick	12-02-89	67	AUL
Foi Inspetor por 7 anos				
P FERIN Giovanni	Venezia	18-01-89	59	IVE
P FONTANA Mario	Buenos Aires	07-06-88	74	ABA
L GENESIO Ugo	Roma	09-03-89	86	IRO
P GERBALDO Francesco	Bra	18-12-88	68	ISU
P GERMANO Orazio	Civitanova Marche	04-11-88	72	IAD
L GUERRA Giovanni	Torino	21-12-88	77	ISU
P HILBER Blasius	Amstetten	18-11-88	81	AUS
L HODIAMONT Joseph	Kicukiro	09-01-89	76	AFC
P KLEIN Jan	Utrecht	15-02-89	71	OLA
P KOZA Aloiz	Pezinok	30-12-88	85	CEB
P KRASEK Pawel	Swobnica	18-12-88	87	PLN
P LEPARIK Josef	Nová Horka	09-12-88	87	CEP
P LÓPEZ Feliciano	Bahía Blanca	03-01-89	86	ABB
P MAGUIRE John	London	22-02-89	72	GBR
L MAKOS Ján	Bratislava	26-11-88	82	CEB
P MAZZON Severino	Belluno	25-12-88	51	IVO
P MENAPACE Leo	Bologna	31-01-89	73	ILE
P MOSKO Pablo	Jarabacoa	31-12-88	85	ANT
P NOBOA Pedro	Quito	28-01-89	90	ECU
P PAGANELLI Osvaldo	Nave	12-02-89	68	ILE

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS 81

NOME	LOCAL E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.	
P PINI Martino	Barra do Garças	16-12-88	74	BCG
P PLÜCKTHUN Hans	Tachov (Cecoslovacchia)	13-01-89	56	GEK
P PORRINO Eutisio	Torino	16-02-89	71	ISU
P PROVERA Silvio	Bangkok	04-03-89	78	THA
L PUSTOVRH Lojze	Trstenik	04-12-88	81	JUL
P QUIROGA Luis Johannis	Buenos Aires	12-12-88	45	ARO
P PAKOVICKY Cyril	Trnava	22-10-88	69	CEB
P RODRÍGUEZ CORRAL Pedro	Vigo	21-01-89	87	SLE
P RUSINIAK Tadeusz	Trzcinna	25-11-88	59	PLN
L SCARRONE Dante	Alessandria	11-01-89	60	ISI
L SCHUSTER Franz Xaver	Helenenberg	02-01-89	87	GEK
P SOLA Egidio	Madras	08-02-89	82	INM
P STABILE Giacinto	Centenario	13-01-89	68	ABB
P STRADA Lucjan	Kopiec	21-02-89	80	PLO
P UGUET Mariano	Calcutta	18-02-89	91	INC
Foi Inspetor por 9 anos				
P VAS Jozsef	Pomár	07-01-89	78	UNG
P VASCHETTO Costanzo	Torino	30-01-89	67	ISU
L VEGA HERNÁNDEZ Luis	Puebla	24-12-88	80	MEM
P VIGNATO Rodolfo	Arese	11-02-89	84	ILE
P WISEMAN John V	Estcourt Natal	02-02-89	83	AFM
P WROTKOWSKI Stanislaw	Kraków	10-01-89	75	PLS

Composição, fotolito e impressão das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: (011) 279-1211 (PABX)
Telex: (011) 32431 ESPS BR
Caixa Postal 30.439
SÃO PAULO

